

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Mariana Pierotti Erlanger

**O complexo processo psíquico
de tornar-se pai na atualidade**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Silvia Abu-Jamra Zornig

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2014



Mariana Pierotti Erlanger

**O complexo processo psíquico
de tornar-se pai na atualidade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora a baixo assinada.

Profa. Silvia Maria Abu-Jamra Zornig
Orientadora
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Lidia Levy Alvarenga
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Diana Dadoorian
Instituto de Psiquiatria - UFRJ

Profa. Denise Berruezo Portinari
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 2014.

Todos os direitos autorais reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Mariana Pierotti Erlanger

Graduou-se em Psicologia pela PUC-Rio em 2009, cursou o mestrado em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Psicanalista em formação pelo Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Atua como pesquisadora da PUC-Rio sob a coordenação da professora Silvia Zornig na pesquisa intitulada “A construção da parentalidade”. Atende em clínica particular desde 2010.

Ficha Catalográfica

Erlanger, Mariana Pierotti

O complexo processo psíquico de tornar-se pai na atualidade / Mariana Pierotti Erlanger; orientadora: Silvia Maria Abu-Jamra Zornig. – 2014.

74 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2014.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Paternidade. 3. Psicanálise. 4. Conflitos edípicos. 5. Identificação. 6. Arcaico. I. Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Aos meus pais e ao pai dos meus filhos.

Agradecimentos

À minha orientadora, Silvia Zornig, por apontar caminhos, oferecer sugestões valiosas de articulações teóricas e, acima de tudo, por me guiar na leitura da psicanálise de forma criativa e atual.

À FAPERJ, pelo financiamento desta pesquisa.

À PUC-Rio e, principalmente, à secretária Marcelina pelo auxílio necessário ao desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus filhos, Carolina, Leonardo e Gustavo, que me fazem manter a curiosidade pelo mundo.

Ao meu marido, Luis, que me incentivou sobremaneira durante todo o processo e que me faz acreditar no meu potencial de realização.

Aos meus pais, Antonio Paulo e Cristina, modelos constantes de interesse pelo conhecimento.

Ao meu analista, Guilherme Gutman, pela escuta e apoio de sempre.

Ao meu supervisor e amigo, Marcos Comaru, pela troca intensa de ideias sobre esta dissertação, pela leitura do texto, contribuindo com uma inestimável revisão e pela transmissão apaixonada da psicanálise.

Resumo

Erlanger, Mariana Pierotti; Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra (Orientadora). **O complexo processo psíquico de tornar-se pai na atualidade**. Rio de Janeiro, 2014. 74p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho se propõe a desenvolver articulações sobre o processo psíquico, consciente e inconsciente, de tornar-se pai na atualidade. Com base teórica em psicanálise, nosso estudo da paternidade enfatiza a complexa operação psíquica de revivência do infantil. Os conflitos infantis que retornam com a chegada de um filho foram agrupados em dois eixos centrais: o eixo do arcaico e o da sexualidade. No primeiro, exploramos os conceitos freudianos da identificação primária e do feminino originário. No eixo da sexualidade, trabalhamos as teorias sexuais infantis e as questões edípicas. Para a compreensão do que significa ser pai na atualidade, acompanhamos os principais apontamentos de pesquisas que mostram como nos dias de hoje há múltiplas possibilidades de significação para a paternidade. Uma vez que não existe um único modelo, fomos em busca das singularidades deste processo à luz de uma pesquisa de campo. Desta forma, apresentamos três trajetórias distintas da construção da paternidade, podendo obter uma visão também singular do processo de tornar-se pai.

Palavras-chave

Paternidade; psicanálise; conflitos edípicos; identificação; arcaico.

Abstract

Erlanger, Mariana Pierotti; Zornig, Silvia Maria Abu-Jamra (Abstract). **The complex psychological process of becoming a father today**. Rio de Janeiro, 2014. 74p. MSc Dissertation – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The research aims to analyse both the conscious and unconscious psychic process of becoming a father today. Based on a psychoanalytic frame of reference, our study emphasizes the complex psychic operation related to infantile processes. The infantile conflicts that return with the arrival of a baby were grouped into two axes: the axis of the archaic and the axis of the sexuality. At first, we explored the Freudian concepts of primary identification and originary feminine. Regarding the subject of sexuality, the infantile sexual theories and oedipal issues were analysed. The current researches regarding the meaning of fatherhood nowadays demonstrate that the role of a father has multiple possibilities. Since there is no unique model, we attempted to search the singularities of this process through the results of a field research conducted with men involved in the process of fatherhood.

Keywords

Fatherhood; psychoanalysis; oedipal conflicts; identification; archaic

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Contribuições da psicanálise à questão paterna	13
3. A construção da paternidade	19
3.1 Eixo do arcaico: identificação primária e feminino originário	21
3.2 Eixo da sexualidade: teorias sexuais infantis e conflitos edípicos	27
4. O que significa tornar-se pai hoje	42
4.1 A trajetória singular da paternidade em uma pesquisa de campo	48
4.1.1 Alexandre: um pai embaraçado	51
4.1.2 Daniel: temor de uma nova perda	58
4.1.3 Bruno: o controle do descontrole	63
5. Considerações finais	68
6. Referências bibliográficas	71

Introdução

“Eu vi a mulher preparando outra pessoa
O tempo parou pra eu olhar para aquela barriga.”
(Caetano Veloso)

Meu interesse em investigar o tema da paternidade surgiu a partir de uma pesquisa na PUC-Rio, da qual ainda faço parte, e que busca compreender o processo de tornar-se pai e mãe no mundo contemporâneo. Tanto por meio da escuta dos entrevistados quanto das trocas nos grupos de discussão da equipe de pesquisadores, bem como da leitura de textos relacionados ao tema, percebi o quanto os homens eram pouco escutados ao longo da gravidez da mulher. A pesquisa me levou a notar também como era escasso o espaço do homem na família e na sociedade no período de gestação do bebê. E, finalmente, a pesquisa ainda me permitiu perceber que havia uma revolução psíquica importante na vida dos homens frente ao nascimento do filho.

A partir do panorama atual — um momento de transição onde se convive com antigas e novas posições do lugar do pai na sociedade contemporânea —, minha curiosidade foi se ampliando para questões relacionadas ao homem que se torna pai nos dias atuais. O que teria mudado em relação à paternidade em outras épocas? Será que a maior participação dos homens na vida dos filhos, desde o acompanhamento da gravidez ao ato do nascimento e posteriormente no dia a dia com a criança, trouxe novos conflitos psíquicos? Somou-se a essas inquietações a constatação de que havia um maior número de trabalhos em psicologia acerca da maternidade e sua elaboração psíquica por parte da mulher, enquanto havia material bem mais reduzido quando se tratava da montagem paterna no processo de construção da parentalidade.

Muitas pesquisas que encontramos em psicologia (Balanchio (2004); Ceccarelli (2007) e Beltrame & Bottoli (2010)) abordavam o tema do pai do ponto de vista da interação com o filho, de seu envolvimento com a prole. O olhar é sempre centrado nas consequências dessa interação para o filho, para a dinâmica familiar ou a vida conjugal. Pouco se pergunta o que significa para o

homem esse novo papel de pai ou quais as consequências da paternidade em sua vida. No âmbito da psicanálise, encontramos publicações acerca da paternidade predominantemente dirigida à sua dimensão simbólica.

Como os trabalhos existentes em psicologia já abordavam o pai em uma vertente mais social e a psicanálise, por sua vez, apresentava desde sempre o pai em sua função simbólica, procurei explorar novos ângulos de leitura da paternidade. Assim, cheguei à pergunta que norteou minha pesquisa: como se dá o complexo caminho psíquico — consciente e inconsciente — de tornar-se pai nos dias atuais?

A fim de desdobrar tal questionamento, exploramos no primeiro capítulo as principais contribuições da psicanálise acerca do pai. Iniciamos com um breve rastreamento das versões do pai ao longo da obra freudiana. Nessa trajetória, passamos pelo *pai totêmico*, pai ilimitado da horda primeva; pelo *pai edípico*, aquele que representa a lei e o interdito, e que, sem dúvida, constitui a principal vertente do pai na obra de Freud, e pelo *pai da pré-história pessoal*, aquele da identificação primária que, embora pouco teorizado por Freud, abre caminho para se pensar num *pai pré-edípico*, que veio a ser desenvolvido por autores pós-freudianos.

Com o objetivo de aprofundarmos essa questão, utilizamos a obra de Winnicott para compreender com mais clareza o pai em sua relação primordial com o filho ainda bem pequeno. O psicanalista inglês aponta uma característica fundamental dessa relação que é a necessidade de ser autorizada e mediada pela mãe. Além disso, o autor nos apresenta um pai que deve estar simplesmente vivo, o que significa muita coisa para um recém-nascido, e ainda um pai que deve proteger a dupla mãe-bebê, vertente mais divulgada do pai na obra winnicottiana.

No capítulo seguinte, partimos para o estudo da construção do processo de tornar-se pai à luz da psicanálise. Este inclui uma complexa operação psíquica de revivência do infantil, não só no âmbito de sua travessia edípica, mas também no que se refere a um tempo arcaico. Tornar-se pai é um processo de elaboração de fantasmas que reaparecem na vida do homem com a vinda de um filho. Para a compreensão dessa vertente da construção da paternidade, destacamos dois eixos: o do arcaico e o da sexualidade.

No eixo do arcaico, apontamos como conceitos chave a identificação primária e a feminilidade originária. A identificação primária nos possibilitou pensar num pai irreduzível ao simbólico e ao campo da representação, num pai mais sensorial, enigmático, processual, que vai além de sua função paterna tradicional de interditor.

Já o conceito freudiano da feminilidade originária aparece neste capítulo diretamente relacionado à questão do desamparo originário. Toda essa problemática retornaria com a chegada de um bebê, exigindo do futuro pai a re-elaboração dessas questões tão primárias e fundamentais da constituição psíquica do sujeito.

O eixo da sexualidade, por sua vez, também foi desenvolvido neste capítulo a partir de dois temas centrais: as teorias sexuais infantis e os conflitos edípicos. No campo das teorias sexuais infantis, exploramos a retomada dos enigmas acerca da origem da vida no homem prestes a ser pai. Em linhas gerais, a grande questão “de onde vêm os bebês?” receberá uma nova formatação nesse momento da vida de um homem, comparecendo como “de onde vem este bebê que será meu filho?”. Nosso esforço foi o de relacionar cada uma das três teorias sexuais infantis definidas por Freud com a paternidade.

Para finalizar esse capítulo, abordamos a revivescência dos conflitos edípicos que voltam a surgir por ocasião da chegada de um filho e que dizem respeito, sem dúvida, à entrada de um terceiro. Para refletirmos sobre essa questão fizemos, inicialmente, um breve resumo da construção do conceito do complexo de Édipo na teoria freudiana, especialmente, do Édipo no menino. Ao tornar-se pai, o homem é remetido irremediavelmente à sua travessia edípica, reeditando as fantasias infantis relacionadas tanto à mãe quanto ao pai. Nesse sentido, tornar-se pai pode significar tanto uma ameaça, quanto a possibilidade de elaborar os fantasmas edípicos.

Em nosso último capítulo, dissertamos acerca do que significa ser pai na atualidade por meio de apontamentos de pesquisas que mostram como nos dias de hoje há múltiplas possibilidades de significação para o que é ser pai. Uma vez que não existe um único modelo, fomos em busca das singularidades desse processo à luz de uma pesquisa de campo. Desta forma, apresentamos três trajetórias distintas da construção da paternidade.

Na primeira, trata-se de um pai que, no período da gravidez, identificou-se fortemente com a mulher, incluindo-se na cena desde o início e participando, inclusive, dos cuidados primordiais com o bebê. O relato desse pai foi elucidativo na concepção de que tornar-se pai é um processo de construção ao longo do tempo, segundo as palavras do próprio entrevistado: “a ficha cai aos poucos”.

A segunda trajetória que apresentamos retrata um pai que, desde a notícia da gravidez, mostra uma forte ambivalência em relação ao bebê e à ideia da paternidade. Ora vê o filho como um estranho, um intruso, um rival a ser eliminado por disputar o amor de uma mulher, ora relata temer perdê-lo. Neste depoimento, a ambivalência aparece nas próprias palavras do entrevistado que define a relação com seu filho de “oito ou oitenta”.

No último percurso que apresentamos, o pai demonstra um fantasma de perder o controle com o nascimento de seu filho. Em suas falas, ele insiste em destacar que tudo na sua vida sempre foi muito controlado. A iminência de ser pai escancara a ausência de garantias quanto ao que está por vir. Em seu discurso, aparece o medo de ser deixado de lado pela mulher com a chegada do bebê, ele afirma sentir ciúmes das atenções voltadas para o filho. Lado a lado com essas vivências, encontramos também toda uma satisfação narcísica que o falciza através do reconhecimento de sua capacidade de gerar uma nova vida e que tornou-se explícito quando ele destacou que o filho era: “fruto do seu próprio sangue, sua própria relação”.

Assim, partindo dos relatos dos entrevistados e com base na bibliografia estudada, o trabalho que se segue tem como principal objetivo o desenvolvimento de algumas articulações acerca do processo de tornar-se pai na atualidade, com ênfase nas questões arcaicas e edípicas que retornam na vida do homem a partir da chegada de um bebê.

2

Contribuições da psicanálise à questão paterna

A literatura psicanalítica, em geral, se ocupou mais do pai na sua dimensão simbólica, isto é, enquanto função. Sem dúvida alguma, podemos afirmar que, em toda a obra freudiana, o pai da realidade — aquele presencial, presentificado, que se relaciona com sua família em seu cotidiano doméstico — também esteve presente, sobretudo, nos casos clínicos. Porém, a ênfase na psicanálise sempre foi ao lugar simbólico ocupado pelo pai. No célebre **Vocabulário da Psicanálise**, de Laplanche e Pontalis (2004), encontramos uma breve menção ao pai num único verbete, com apenas duas linhas, intitulado “Complexo paterno”, designado como “uma das principais dimensões do complexo de Édipo: a relação ambivalente com o pai”. (Laplanche & Pontalis, 2004, p.82). Já no **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**, de Pierre Kaufmann (1996), a temática recai sobre a questão lacaniana na apresentação do verbete “Metáfora paterna”. Por sua vez, no **Dicionário de Psicanálise**, de Roudinesco e Plon (1997), há o verbete “Nome do pai” totalmente calcado, mais uma vez, na obra de Lacan.

Inicialmente para Freud o pai aparece nos relatos de suas pacientes como um pai sedutor. Na versão histórica, o pai se faz na chave da culpa, do vilão, como causa real do sofrimento das histéricas. Em sua primeira teoria da sedução, Freud acreditava que elas tinham, de fato, sofrido algum tipo de abuso pelos pais. Ou seja, até Freud dizer a Fliess, na famosa carta 69, de 1897, que não acreditava mais em sua neurótica, ele culpou o pai pela sintomatologia histérica. Com o abandono de sua primeira teoria da sedução, Freud passa a dar mais destaque à dimensão da fantasia referente ao vínculo com o pai em detrimento da realidade em si. Nessa via, terá início sua teorização acerca da sexualidade infantil, denominada *perversa polimorfa*. Uma sexualidade baseada na pulsionalidade, ou seja, não se trata tanto de um trauma sexual infantil (sedução), mas sim da sexualidade que se inicia na infância. Para tratar da estruturação da criança, Freud, paulatinamente, irá construir sua tese sobre a função do complexo de Édipo no qual o pai tem papel central, como veremos em detalhe no item 3.2 do presente trabalho.

Sobre a função paterna, o pai edípico surge, inicialmente, investido de uma importância otimista na legislação do caos pulsional infantil, no entanto, na progressão da obra freudiana, observamos uma transformação de sua compreensão da função paterna. Nesse longo processo, é de grande relevância a construção em “Totem e Tabu” (1913) do pai totêmico.

O mito utilizado por Freud apresentava inicialmente um pai todo-poderoso, excessivo, déspota, que possuía com exclusividade todas as mulheres da horda. A tirania do pai com os filhos levará ao parricídio. Após consumarem o ato, os filhos devoram o pai morto numa refeição totêmica. O que ocorre, em seguida, é que ninguém ousa tomar o lugar do pai, pois, assim que um deles o fizesse, o mesmo processo recomeçaria. É importante destacar que o assassinato do pai tirânico, longe de abrir caminho para as realizações dos desejos dos filhos, redundou, ao contrário, na inauguração da lei, uma vez que eles se viram na iminência de se matarem uns aos outros, devido à ausência de qualquer regulação. “O pai morto tornou-se mais forte do que o fora vivo” (Freud, 1913, p. 146). Em primeiro lugar o pai morto retorna na figura do totem e mais tarde encarnado no Deus das religiões monoteístas.

O pai em “Totem e Tabu” segue um modelo filogenético no qual o assassinato do pai pelos filhos excluídos e a devoração canibal do pai morto constituiriam o fundamento do processo identificatório. Nas palavras de Freud: “O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos; e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força.” (Freud, 1913, p. 145). O pai era invejado e temido pelos filhos, e são esses afetos contraditórios que levam ao sentimento de culpa, à proibição originária do incesto e à interiorização do interdito. Segundo Freud, esses afetos são resíduos psíquicos que se tornam patrimônio hereditário, marcas definitivas na constituição psíquica do ser humano que, já estando estabelecidas, só precisam ser lembradas a cada nova geração, de maneira que a ontogênese repete a filogênese.

Freud enfatizou em sua obra a perspectiva ontogenética, em especial, a infância, e ainda criticou a pouca importância dada a esta última por outros estudiosos:

É digno de nota que os autores que se ocuparam do esclarecimento das propriedades e reações do indivíduo adulto tenham prestado muito mais atenção à fase pré-história representada pela vida dos antepassados — ou seja, atribuído uma influência muito maior à hereditariedade — do que à outra fase pré-histórica, àquela que se dá na existência individual da pessoa, a saber, a infância.

(Freud, 1905, p.163)

Ao privilegiar a pré-história individual do sujeito, Freud (1921) acrescenta uma leitura do pai em duas vertentes: a da identificação e da escolha de objeto. A primeira pode ser encontrada numa fase anterior à escolha sexual de objeto, numa fase pré-edípica — é aquilo que gostaríamos de ser. Já a segunda diz respeito ao que desejaríamos ter, como explica Freud no trecho abaixo:

É fácil enunciar numa fórmula a distinção entre a identificação com o pai e a escolha deste como objeto. No primeiro caso, o pai é o que gostaríamos de ser; no segundo, o que gostaríamos de ter, ou seja, a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do ego. O primeiro tipo de laço, portanto, já é possível antes que qualquer escolha sexual de objeto tenha sido feita. É muito mais difícil fornecer a representação metapsicológica clara da distinção. Podemos apenas ver que a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo.

(Freud, 1921, p. 116)

Até o fim de sua obra, Freud trabalhou sobre a questão paterna. No texto tardio “Moisés e o Monoteísmo” (1939), no qual trata da dimensão do pai na sua relação com a cultura e a religião, Freud aponta um lugar específico para a paternidade, distinto daquele referente à maternidade. Ao falar sobre o avanço da intelectualidade em oposição à percepção sensorial mais direta, ele afirma que, no que diz respeito ao pai, só há indícios encontrados no exercício de sua função. A ideia freudiana aponta para uma hierarquia de valores entre paternidade e maternidade, em que o pai dá seu nome ao filho, que se torna seu herdeiro, cabendo à mãe, por outro lado, a primazia da vida sensorial com a criança:

... a paternidade é mais importante do que a maternidade, embora não possa, como esta última, ser estabelecida pela prova dos sentidos, e que, por essa razão, a criança deve usar o nome do pai e ser herdeira dele.

(Freud, 1939, p. 132)

Freud já havia tratado sobre a certeza em relação à maternidade e a incerteza quanto à paternidade (diferente do que ocorre nos tempos atuais) no início de sua obra quando, ao abordar os romances familiares, cita a famosa frase

extraída de uma antiga expressão legal: “*pater semper incertus est*, enquanto a mãe é certíssima.” (Freud, 1909, p. 220)

Na obra freudiana, a questão paterna aparece, sobretudo, na teorização do complexo de Édipo, sem, contudo, deixar de estar presente no âmbito de um período mais arcaico, sob a forma de um pai pré-edípico. A importância de estudarmos as contribuições de Freud sobre as questões paternas reside no fato de que o homem que vai ser pai um dia foi um menino e viveu os conflitos edípicos e pré-edípicos que serão reeditados com a chegada de um filho. Não temos como entender o pai em sua vida adulta sem fazer um retorno a um tempo anterior, aquele da sua infância. Ao tornar-se pai, voltam, sempre de forma inconsciente, lembranças de um período arcaico e edípico.

O psicanalista inglês Donald Winnicott, apesar de ser mais conhecido por sua teorização da relação mãe-bebê, também contribuiu com reflexões sobre a questão paterna por meio de uma abordagem diferente daquela mais comumente estudada em psicanálise, a saber: a dimensão simbólica.

Winnicott (1964) descreve o pai em comparação com a mãe. Ele afirma que a mulher sabe mais sobre o filho porque este já foi um pedaço dela. O autor aponta que a diferença entre a experiência de ser pai ou mãe decorre da distinção anatômica, pois é a mulher quem carrega o filho na barriga. Quanto a este ponto, ele chega mesmo a dizer que:

Sou homem e, portanto, jamais poderei saber, na verdade, o que se sente ao ver ali embrulhado no berço uma parcela do meu próprio ser, um pedaço de mim vivendo uma vida independente, mas, ao mesmo tempo, dependente e tornando-se, pouco a pouco, numa pessoa. Só uma mulher pode sentir isso e, talvez, só uma mulher possa até imaginar essa experiência quando, por infortúnio de uma ou outra espécie, lhe falta a prova real e concreta.

(Winnicott, 1964, p. 15)

Mesmo após o nascimento do bebê, Winnicott acredita que o pai continua dependendo da mãe para conhecer o bebê. O psicanalista postula a ideia de que é importante para todos (mãe, pai e bebê) que a mãe compartilhe cotidianamente os pequenos detalhes do filho com o pai. O pesquisador anuncia a singularidade de cada homem no processo de tornar-se pai, afirmando que alguns são tímidos em relação a seus bebês e outros jamais se interessarão por crianças, e que, cabe à mãe abrir este espaço para que o homem possa entrar na relação com o filho. Para

o autor, na relação pai-bebê “tudo depende bastante daquilo que a mãe decidir” (Winnicott, 1964, p. 128).

Apesar do pensador colocar o pai no que pode parecer um segundo plano, se comparado à mãe, ele defende a participação de um pai protetor da dupla mãe-bebê — vertente mais conhecida do pai na obra de Winnicott. Nesse sentido, aponta um pai que compartilha a experiência com os dois (mãe e bebê), que está incluído na cena e não ainda aquele interventor em sua função de “barra”. Ele declara que o pai é importante para ajudar a mãe a sentir-se bem em seu corpo e feliz em seu espírito e que a criança é sensível às relações entre os pais. A união sexual dos pais fornece um fato em torno do qual a criança poderá construir uma fantasia e serve como alicerce natural para a solução das questões triangulares.

Ao comentar sobre a entrada do pai em cena, Winnicott (1964) afirma que não é bom que ele entre prematuramente. O pediatra assegura um lugar especial para a mãe. Diz que aqueles pais que se julgam melhores que as mães podem ser incômodos, que até poderia acontecer mesmo de serem melhores com os bebês, mas que mesmo assim, não poderiam ser mães. Mais uma vez, o autor faz uma distinção clara do que é, para ele, ser pai e ser mãe. Para o psicanalista, nos primeiros tempos, o bebê, primeiro que tudo, conhece a mãe e fica muito associado a ela. Sobre o pai, os sentimentos que assume para o bebê são aqueles que este percebia que não faziam parte essencialmente da mãe, mas que nela se encontravam, tais como suas qualidades austeras. A mãe poderia ser ríspida, severa e rigorosa, e o bebê sente um grande alívio de ver essas características assumidas pelo pai.

Ainda sobre o apoio do pai à mãe, Winnicott destaca o apoio moral que aquele deve proporcionar para ela. O pai não precisa estar o tempo todo presente, mas tem que aparecer com frequência para que a criança sinta que o pai é um ser vivo e real. Segundo ele, é muito mais fácil para as crianças estarem aptas a contarem com os dois pais. Para o pensador, a presença de dois constitui uma influência estabilizadora para o filho. O psicanalista advoga ainda para o pai um lugar especial, diferente dos demais homens que fazem parte da vida do bebê. Ele afirma que o pai tem certas qualidades que o distinguem de outros homens. Para o autor, o pai enriquece o mundo do filho desde os primeiros tempos. Ele também afirma que, quando o pai aceita facilmente a responsabilidade pela existência da

criança, o cenário fica montado para um bom lar. Winnicott declara que “uma das coisas que o pai faz pelos filhos é estar vivo e continuar vivo durante os primeiros anos das crianças”. (Winnicott, 1964, p. 131)

Se a teoria freudiana colabora para entendermos não só o homem quando se torna pai, mas também o menino que um dia ele foi, as elaborações de Winnicott contribuem ao apresentar um pai que simplesmente deve estar vivo, proteger a dupla mãe-bebê, e que é diferente dos demais homens. Nos próximos capítulos, teremos a oportunidade de aprofundar tanto a retomada do infantil presente na teoria freudiana (próximo capítulo) como também o pai vivo e protetor winnicottiano no estudo dos pais no contemporâneo (capítulo 4).

3

A construção da paternidade

A construção da paternidade é um processo psíquico, consciente e inconsciente, uma experiência subjetiva pela qual os homens passam, em direção à concepção do que é, para cada sujeito, a paternidade. Este é um processo longo e que, num primeiro momento, o da gestação, será construído pelo homem predominantemente no campo simbólico/cultural, uma vez que o bebê se encontra fora de seu corpo.

Tornar-se pai inclui uma complexa operação psíquica de revivência do infantil. Segundo Zornig (2008) o infantil corresponde à produção fantasmática do sujeito sobre sua infância. Para a autora, o conceito de infantil fica referido a uma infância recalcada e, portanto, fundadora, pois é a partir da amnésia infantil que se constitui a história do sujeito. Ou seja, o infantil é aquilo que carregamos para sempre de marcas recalcadas do início da vida e que forma o núcleo do psiquismo, que tem início na vida de bebê, mas que vai muito além da infância propriamente dita. Nessa vertente, o infantil fica relacionado não a um momento cronológico, mas a um tempo de retroação subjetiva, de *après-coup*. São essas produções fantasmáticas que são retomadas quando o homem se torna pai. Este é um processo de elaboração de fantasmas que reaparecem e causam a necessidade de reescrever o passado numa narrativa inédita construída *a posteriori*, a partir de um primeiro tempo já vivido. É graças aos fragmentos da vida de bebê e criança, que o homem erguerá o pilar da sua paternidade por vir.

Lebovici (2004) aponta que para tornar-se pai, é preciso um trabalho psíquico grandioso, complexo e desafiador. Afirma que não se trata de herança genética predeterminada dos pais, mas sim de um processo relativo à transmissão intergeracional e transgeracional. Isso inclui elementos da história dos pais e avós, seus valores socioculturais, mitos, e, principalmente, seus conflitos. Hurstel (2006) faz eco ao pensamento de Lebovici afirmando que, para tornar-se pai, é necessário fazer surgir seu próprio pai, assim como as relações com a mãe de sua infância.

A maneira como o homem viveu enquanto bebê, com a mãe e o pai ainda indiferenciados, assim como as vivências relacionadas às questões edípicas deixaram marcas enigmáticas em seu inconsciente que agora serão revisitadas na paternidade. Quando adulto, o homem igualmente marcará o filho, também de forma enigmática, deixando marcas no inconsciente do bebê. Há toda uma mudança de posição da passividade para a atividade envolvida no processo de tornar-se pai. Se antes ele recebia os cuidados parentais que erogenizavam seu corpo, agora ele desempenha o papel de pai marcando o corpo do filho e, por meio desta atividade, é lembrado de seu próprio estado de desamparo com o qual terá que lidar para o resto da vida. Esse contato físico com o bebê de uma forma sensorial, sob a primazia das pulsões, traz consequências psíquicas para o homem no processo de tornar-se pai. Sem escolha, pela circunstância de estar esperando um filho e posteriormente na convivência com o bebê nos cuidados ao lado da mãe, será remetido a um estado arcaico, de desamparo, de constituição psíquica, assim como aos conflitos edípicos.

Acreditamos que, nos tempos do patriarcado, quando o pai não se envolvia nem com a gravidez nem com o filho depois do nascimento, o homem tenha ficado mais protegido da revivência do arcaico no âmbito da construção da paternidade. Porém, as mudanças culturais o fizeram não apenas ocupar um novo lugar como pai, mas também trouxeram para a cena masculina novos conflitos aos quais o homem não estava tão exposto no passado.

De acordo com nossa leitura, o processo de tornar-se pai inclui dois eixos. Um eixo arcaico e um sexual. No tocante ao primeiro, arcaico, trata-se de uma dimensão mais árida, difícil de ser abordada, por remeter a uma perspectiva mítica, eminentemente pulsional, aquém da representação que se aproxima aos desenvolvimentos freudianos acerca do Id. Já o eixo sexual caracteriza-se pela vigência do princípio do prazer e pelo primado da representação. Cabe lembrar que a palavra sexual remete à ideia de secção, corte, separação, em oposição a ideia do Id, que é caracterizada por uma indiferenciação originária.

3.1

Eixo arcaico: identificação primária e feminino originário

Para melhor delimitarmos o arcaico em psicanálise acompanharemos as formulações de Zornig (2008), que esclarece que este também pode ser chamado de originário. Segundo a autora, Freud, ao utilizar o prefixo “*Ur*” em suas teorizações remete a momentos primitivos sendo a cena primária (*Ur-szene*) o protótipo desse originário. Segundo Zornig, o estatuto do arcaico em psicanálise deve ser pensado mais como estrutural do que factual, esclarecendo ainda que este não corresponde a uma origem cronológica, mas sim a uma possibilidade de se atualizar no presente um passado que também é atual.

Como vimos, os aspectos arcaicos revividos na paternidade remetem a dimensões primitivas de sua constituição psíquica, ao momento de desamparo inicial do bebê, no qual ele precisa de um outro que o invista física e libidinalmente. O corpo humano, pulsional desde sempre, precisa escoar suas excitações. Inicialmente tal escoamento se dá no próprio corpo, graças a descargas inespecíficas. Estas, ao chamarem a atenção do outro, “*m’other*” (Fink, 1995), inauguram a relação dos cuidados primordiais que vão permitir um processo gradual de simbolização. Freud, desde o início de sua obra, aborda a questão do desamparo e declara: “o desamparo inicial do ser humano é a fonte originária de todos os motivos morais” (Freud, 1895, p. 370). Quando o homem se torna pai, ao se defrontar com um bebê desamparado e totalmente dependente, ocorre uma identificação com o bebê a partir da revivência do estado de desamparo pelo qual o pai já passou outrora.

Em meio às dimensões primitivas que retornam na paternidade, a identificação primária se apresenta como elemento fundamental. Freud destaca que esta se daria com os pais ainda indiferenciados, em um momento precoce da vida humana. Ele afirma que a identificação primária é “a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo.” (Freud, 1921, p. 115). Em seguida, Freud comenta sobre o menino que toma o pai como seu ideal e que quer ser como ele, crescer como ele. O autor diz que esse movimento prepararia o caminho para o complexo de Édipo, quando o menino passa a querer substituir o pai junto à mãe,

trazendo a ideia de ambivalência da identificação que pode se apresentar como “expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém” (Freud, 1921, p. 115).

Ainda sobre a identificação primária, Freud comenta que esta é “direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto.” (Freud, 1923, p. 44). Freud pontua que ela é a “primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal”, e acrescenta em nota de rodapé que “talvez fosse mais seguro dizer ‘com os pais’, pois antes de uma criança ter chegado ao conhecimento definitivo da diferença entre os sexos, a falta de um pênis, ela não faz distinção de valor entre o pai e a mãe.” (Freud, 1923, p. 44).

Freud assegura que esta identificação é a mais importante, porém, não continua seu desenvolvimento. O caminho que ele seguiu nesse texto foi explicar o complexo de Édipo no menino. Assim, ele afirma que o pai se apresenta primeiro como fator de identificação, depois, como rival, ressaltando novamente o caráter ambivalente da identificação que, segundo ele, está presente desde o início, mas que se torna manifesta no complexo de Édipo. Esta pausa que Freud fez no desenvolvimento da identificação primária e a decisão de seguir falando sobre o complexo de Édipo no menino, nos sugere que ele foi levado a pensar, por um lado naquilo que é mais acessível clinicamente (os conflitos edípicos) e, por outro, no que teria ocorrido a si mesmo. Sabemos que Freud serviu-se da auto-análise para a elaboração do complexo de Édipo.

Se a identificação primária é aquela do pai da pré-história pessoal do sujeito, de que pai seria esse que Freud está falando? Podemos responder de uma forma mais precipitada que é o pai totêmico, da horda primitiva. Porém, Freud nos abre uma nova possibilidade de pensar esse pai em outra chave quando fala dele numa fase anterior a qualquer diferença sexual. A nota acrescida ao texto revela que Freud repensou esse pai da pré-história individual do sujeito. Ele fez questão de tentar explicitar o estatuto desse pai, apesar de não ter dado continuidade a essa elaboração. Porém, ele deixa uma abertura para se pensar num pai afastado daquele que costumamos encontrar na teoria psicanalítica com mais frequência: o pai simbólico, a figura paterna ligada à função. É importante recordarmos que, apesar de Freud ter teorizado sobre o pai simbólico, representante da lei, do

interdito, pai como estrutura, o estudioso nunca falou em “função paterna”. Esta é uma expressão utilizada posteriormente por Lacan¹.

Se na identificação primária não está em jogo nada da representação, as experiências acontecem mais na ordem de uma impressão produzindo fascínio e, ao mesmo tempo, horror, esse conceito pareceria mais com o materno do que com o paterno que costuma ficar ao lado da representação. Mas, Freud, ao conceituar a identificação primária, antes do reconhecimento da diferença sexual, num momento arcaico da vida do sujeito, abre caminho para a leitura de um pai irredutível ao simbólico e ao campo da representação. Portanto, podemos pensar num pai mais sensorial, enigmático, direto, talvez, mais próximo do pai presencial, encarnado que, ao participar (ao lado da mãe) dos cuidados do bebê ou mesmo em suas brincadeiras com o filho, erogeniza a criança.

A partir disso, temos enfim um pai que participa duplamente da constituição do sujeito: organizando e separando pelo lado simbólico em sua função paterna e, ao mesmo tempo, marcando o corpo do bebê, transmitindo suas mensagens inconscientes. A identificação primária é um conceito chave para a ampliação da participação do pai na constituição psíquica do filho. O paterno em geral sempre nos remeteu à linguagem, à barra, que organiza e estrutura; agora ele também pode ser pensado por meio da identificação primária — campo da primazia das pulsões, do enigmático, da falta de representação — do lado que antes era “reservado” ao materno, ou seja, aquele do quantitativo, do econômico, da sensorialidade.

Quanto a isso, remeteremos às contribuições de autores contemporâneos que destacam o caráter processual da noção de pai da pré-história pessoal, cuja característica principal é fazer oposição à tendência pulsional de descarga direta.

Para Donnet (1995), a característica da barreira à descarga, de inibição da satisfação, está no cerne da interpretação processual do pai, que é situado pelo autor como um “polo anti-Id”. De acordo com Donnet: “a identificação primária — que encontra no pai e na pré-história pessoal características que fazem dele o outro lugar, o outro da relação materna — designaria um polo anti-Id, pré-sexual, pré-simbólico” (Donnet, 1995, p. 93-94). Em consonância com a visão de Donnet, Botella (2001) também inclui o aspecto de natureza processual do pai na medida

¹ Lacan abordou o tema da função paterna pela primeira vez em 1938, num texto intitulado “Os complexos familiares”, publicado no tomo VIII da *Encyclopédie Française*.

em que este representa uma entidade psíquica que se encontra no fundamento da história do sujeito, marcando-a mais em suas formas processuais do que no seu conteúdo histórico.

Delourmel (2013), por sua vez, introduz o conceito de “princípio paterno”, que inaugura e comanda a vida psíquica, situando-o no mais originário do que o pai morto, mais além do parricídio, mais além da ontogênese. O “princípio paterno” seria uma potencialidade originária de regulação pulsional, ativada no encontro do sujeito com o objeto primordial, num trabalho que se opõe à satisfação direta da pulsão, que implica uma modificação de sua própria natureza.

À luz desses três autores, Donnet, Botella e Delourmel, temos o pai da pré-história pessoal no polo processual, como aquele que tem a possibilidade de frear os impulsos do bebê de realização da descarga direta da pulsão.²

Por essa vertente, podemos pensar no pai do polo processual, que aparece, desde o início, como uma barreira, mas não a barra edípica a que estamos habituados a nos referir, quando se trata de função paterna, mas sim uma barra da ordem do quantitativo, na vertente econômica, inibindo a descarga direta. Nesse sentido, o pai atua desde sempre e de uma forma totalmente diferente da mãe. Ele está realmente incluído na cena inicial da vida do bebê, a seu modo, e não fica de fora da mesma.

Em nosso trabalho, enfatizamos a questão da identificação primária, uma vez que ela se encontra em destaque no processo de construção da paternidade. Ao ter um filho, o homem atualiza a identificação primária por meio de novas elaborações. Ele se encontra misturado à mulher, cuidando do bebê através de experiências sensoriais, marcando o corpo do filho a seu modo, realizando a transmissão inconsciente ao herdeiro. Nesse ponto, relativo à entrada do homem num universo quantitativo, sensorial, somos levados a refletir sobre a problemática do feminino originário na psicanálise.

Para esclarecer o que vem a ser esse feminino a que estamos nos referindo, vale lembrar a elaboração de Freud em “Análise terminável e interminável” (1937), sobre o tema do “repúdio da feminilidade” que ele define como “notável

² A ideia do pai processual como um freio primitivo da descarga direta (“anti-Id”) nos permite pensar no conceito de barreiras de contato, introduzido por Freud em seu trabalho inicial “Projeto para uma psicologia científica”, de 1895, como condição de possibilidade da emergência do psíquico.

característica da vida psíquica dos seres humanos” e “uma atitude para com o complexo de castração” (Freud, 1937, p. 268). O que Freud quer dizer com o repúdio da feminilidade é o temor de homens e mulheres de se defrontarem com a feminilidade como originário, como forma básica de subjetivação de ambos, entendendo a feminilidade no sentido do imperfeito, do vazio e do obscuro.

A feminilidade como origem defronta o sujeito com uma dimensão mais caótica, sem fronteiras, a partir da qual homens e mulheres se organizam defensivamente. Não existe uma representação que dê conta desse estado originário de vulnerabilidade da falta da lógica fálica; não existe uma marca no inconsciente para o “não ter”, para o vazio. Sobre esse ponto, Birman (2006) comenta que as representações do masculino e do feminino solidificadas no âmbito edípico (identificações secundárias) seriam defesas contra a feminilidade originária, não marcada pelo falo.

Sobre as representações do masculino e do feminino, Kehl (2005) problematiza a abordagem freudiana da diferença sexual pautada na posse ou não do falo. A autora afirma que atribuir às polaridades do mais e do menos, da castração e da falicidade, da falta e da presença, do cheio e do vazio a marcação da diferença sexual é uma lógica própria das fantasias infantis que buscam fazer com que o homem e a mulher formem um, num encaixe perfeito, numa complementação entre os corpos. Kehl propõe substituir essa lógica complementar por outra: a da visibilidade. Nesta, temos em jogo um órgão que se dá a ver e outro que não se dá a ver. É nesta oposição que a diferença poderia ser pensada sem envolver uma valorização. Para a autora, a ênfase deve recair sobre as consequências da diferença anatômica e não na diferença em si.

A psicanalista define como “mínima diferença” o que nos constitui a partir da vivência das consequências psíquicas da diferença sexual anatômica, já que a diferença constitutiva de homens e mulheres reside na posição frente à castração. Dessa forma, os homens estariam diante de uma ameaça de perda enquanto as mulheres, de uma perda consumada. Para a autora, o que marca a mulher é exatamente este “a menos” da angústia de castração e inversamente para os homens a diferença estaria no “a mais”. Se, como afirma Kehl, a miragem fálica não é suficiente para a sustentação da construção da representação da masculinidade, que serve como defesa frente à feminilidade originária, a

paternidade pode tanto ajudar o homem na sua afirmação fálica quanto, ao contrário, intensificar a angústia de castração, nas montagens do filho como objeto fálico ou fóbico, como veremos mais adiante no item 3.2 do presente capítulo.

Ainda segundo Kehl, tradicionalmente, o falo se desloca no homem do pênis para vários recursos e habilidades: a inteligência, a força, a capacidade de ganhar dinheiro, o poder e o prestígio. Para o homem, o deslocamento se dá para o campo da cultura, para aquilo que é compartilhado e reconhecido no espaço público. Já os deslizamentos do falo na mulher, também na visão tradicional, se dão nas extensões do corpo: a beleza, a capacidade de seduzir, a maternidade, o seio e a capacidade de amamentar.

Podemos, a partir da exposição dos pensamentos de Kehl, supor que na atualidade há uma democratização dos deslizamentos do falo que podem estar tanto do lado da mulher quanto do homem numa variação múltipla de modos de falicização. Na cultura contemporânea, é permitido ao homem falicizar-se também na beleza, na sedução, nos cuidados com o corpo, na amamentação com a mamadeira e, finalmente, na paternidade.

A questão que se coloca é como os homens lidam com essas novas formas de deslizamentos fálicos. Vale ressaltar que, se, em alguns casos, eles transitam sem maiores problemas, em outros, há uma ameaça à sua representação de masculinidade, provocada pelo desempenho de papéis anteriormente típicos da representação feminina.

É fácil perceber as mudanças culturais quando vemos, na aristocracia inglesa atual, talvez um dos últimos redutos de tradição encontrados no Ocidente, o príncipe William sair da maternidade carregando o filho (futuro herdeiro do trono inglês), para, em seguida, colocá-lo na cadeira do carro sem dificuldade e seguir dirigindo ao lado da mulher. Algumas semanas depois, William falou sobre as alegrias e dificuldades de ser pai em entrevista à emissora norte-americana CNN, em 19/08/2013. O príncipe conta que o filho “é um pouco malandro, teimoso, se mexe bastante e não gosta de dormir”. Ele declara ainda que o bebê remete a si mesmo e ao irmão quando crianças. Podemos mesmo dizer que William é um legítimo representante do pai da atualidade, chamado de participativo, e chega mesmo a afirmar em entrevista: “eu fiz a primeira soneca”. Tais palavras saídas da boca do segundo na linha de sucessão do trono britânico

são dignas de nota. Tal afirmação indicaria o quanto o príncipe parece à vontade ao desempenhar atividades antes atribuídas ao campo do feminino, sem sentir-se ameaçado na sua representação de masculinidade. Nesse ponto, poderíamos reconhecer uma contribuição considerável do príncipe, como pessoa pública e formador de opinião, na “minimização das diferenças”, tomando de empréstimo novamente o conceito de Kehl (2005).

Retomando a questão do feminino originário na paternidade, encontramos fantasmas que aparecem quando o homem se vê diante da paternidade e que dizem respeito à dimensão inconsciente de uma lógica não fálica, marcada pelo desamparo. O tornar-se pai é um momento inédito na vida do sujeito que o coloca diante de um universo do irrepresentável, ao qual não se tem domínio. Não raro a obscuridade intrínseca a esse momento dá lugar a fantasmas parentais de um bebê com deficiências físicas ou mentais, que revelariam um vigoroso esforço de nomeação desse irrepresentável, mesmo que à custa de possíveis doenças.

Além dos fantasmas citados acima, de uma forma geral, o bebê traz de volta, inconscientemente para o pai a lembrança do próprio estado de desamparo, que um dia teve de ser cuidado para que pudesse sobreviver física e psiquicamente. A feminilidade originária, articulada ao desamparo, põe em evidência o descentramento do sujeito e a resistência à alteridade e, ao mesmo tempo, sua inexorável dependência. Vale lembrar que, para Freud, na origem da constituição psíquica, a exterioridade não é investida com interesse pelo ego real originário. Freud afirma que, no início da vida mental, “o sujeito do ego coincide com o que é agradável, e o mundo exterior, com o que é indiferente.” (Freud, 1915, p. 140). Pensando por essa chave, a chegada de um bebê, um ser diferente, impõe ao homem na paternidade um trabalho de lida com a alteridade.

3.2

Eixo da sexualidade: teorias sexuais infantis e conflitos edípicos

Sabemos, a partir da teoria psicanalítica, que todos, homens e mulheres, quando crianças, elaboram histórias particulares criadas para tentar dar conta do enigma da vida, da origem dos bebês, que não são recordados na vida adulta, pois foram recalçadas. É no momento inicial da infância que as crianças se perguntam

quanto à origem da vida. Freud deu a essas elaborações o nome de teorias sexuais infantis. Segundo ele, elas formam o núcleo do inconsciente. Apesar de, em 1905, o pensador austríaco já haver abordado o tema relacionando-o à pulsão do saber, é em 1908 que ele detalhará as três principais teorias sexuais construídas na infância. Freud afirma que, na criança, a pulsão do saber é atraída desde cedo pelos problemas sexuais e acrescenta que não são interesses teóricos, mas práticos que despertam a atividade investigatória.

As pesquisas sexuais, apesar de recalçadas e esquecidas, nunca terminam. As crianças acabam por renunciar suas investigações sobre a sexualidade deixando uma seqüela permanente na pulsão do saber. Esses questionamentos são feitos pela criança de forma solitária e fazem com que ela perca a confiança nos adultos que tinha em alta conta, pois eles não fornecem respostas satisfatórias às suas inquietações. A grande descoberta de Freud nesse momento é que nenhuma criança pode, nos anos anteriores à puberdade, evitar o interesse pelos problemas do sexo, uma vez que ele aparece como forma (ilusória) de proteção frente à ameaça de que eventos ainda mais temerosos pudessem se repetir como, por exemplo, a perda de seu “reinado” com a chegada de um irmãozinho. As crianças não tomam como ponto de partida de suas pesquisas sobre os problemas sexuais a ideia de haver nos humanos dois sexos diferentes. Suas lembranças mais antigas incluem um pai e uma mãe como realidade indiscutível. A da irmãzinha também. Sua curiosidade aparece com a chegada de um irmão ou, em casos de filho único, observando outros lares. É com a perda, realmente experimentada ou justamente temida, que a criança começa a se questionar. Sobre este ponto, diz Freud:

Sob a instigação desses sentimentos e preocupações, a criança começa a refletir sobre o primeiro grande problema da vida e pergunta a si mesma: ‘De onde vêm os bebês?’ — indagação cuja forma original certamente era: ‘De onde veio esse bebê intrometido?’. Parece-nos que ouvimos os ecos desse primeiro enigma nos inúmeros enigmas dos mitos e lendas. Essa pergunta é, como toda pesquisa, o produto de uma exigência vital como se ao pensamento fosse atribuída a tarefa de impedir a repetição de eventos tão temidos.

(Freud, 1908, p. 193)

Nossa hipótese é de que, na paternidade, as teorias sexuais infantis, recalçadas, retornam, de forma inconsciente, no momento em que um homem se engaja no processo de tornar-se pai, trazendo novas questões a serem elaboradas assim como conflitos, inéditos ou não, na vida psíquica do sujeito. Temos,

portanto, em linhas gerais, a mudança da pergunta infantil “de onde vêm os bebês?” para: “de onde vem este bebê, meu filho, que vai nascer e tornar-me pai?”.

Os futuros pais parecem recriar, na vida adulta, as teorias sexuais desenvolvidas na infância, quando eram ainda meninos. Eles se questionam, por exemplo, de que famílias os bebês vêm, de que momento da vida do casal, se fazem parte de um projeto de vida de apenas um deles, se são frutos de um desejo ou ainda se estão inaugurando uma nova geração.

Ao articularmos as teorias sexuais infantis e a paternidade, constatamos a presença de uma problemática que está relacionada a outra pergunta: será que esse bebê veio de um desejo de ser pai? A resposta vai depender do lugar específico que a criança ocupa na economia do desejo do pai. Birman (2008) adverte para uma questão importante na atualidade que é a de filhos que, em vez de serem para seus pais, “Sua Majestade, o Bebê” (Freud, 1914, p.98), são um fardo que atrapalha o projeto individual dos pais. Se o bebê vem de onde o desejo não está a paternidade pode ganhar contornos diferentes dos sentidos dados à paternidade daqueles pais cujo bebê se apresenta como elemento constituinte de sua economia libidinal.

Para Cramer (1999), é a nostalgia do amor dos pais que empurra o homem a querer um filho. O projeto da criança se apoia no desejo de voltar a encontrar o tempo perdido, esse paraíso onde a criança era o objeto de amor incondicional de seus pais e onde ele mesmo se sentia uma criança perfeita. Já Hurstel (2006), lembra que o homem não se torna pai automaticamente. Para assumir o cargo é preciso ter recebido de seus pais um sentido de filiação. Ser pai cria uma dívida e é em nome dessa dívida a ser reembolsada, que se faz a transmissão e que se escolhe ter um filho. Ou seja, o desejo de ser pai passa pela ideia de querer pagar a conta da dívida simbólica aos pais dando-lhes netos.

Outro ponto presente no retorno das teorias sexuais infantis na paternidade é que, tal qual na infância, na vida adulta, trata-se de uma mulher grávida que desperta nos homens as questões acerca do enigma da vida. Isso o leva, conseqüentemente, a recriar, reeditar, as teorias sexuais desenvolvidas na infância. Para os homens, a figura de uma mulher grávida, sua esposa, remete a outra mulher grávida: sua mãe. Mesmo nos casos de filho único nos quais o homem,

ainda menino, não viu a mãe grávida de um irmão, há histórias contadas e recontadas que criam em seu imaginário o que significa para ele uma mulher grávida. Sem falar na concepção cultural que traz ainda mais elementos para a construção da *imago* materna que agora retorna encarnada na figura da mulher ao seu lado.

A primeira teoria sexual infantil conceituada por Freud (1908) é a de que as crianças acreditam que todos, homens e mulheres, possuem um pênis. Esta ideia é sustentada pelo menino mesmo diante da observação de outros corpos, diferentes do seu. Esta convicção só será abandonada depois de uma série de conflitos internos inerentes ao complexo de castração³. Essa tese demonstra a atribuição de alto valor dada pelo menino ao membro sexual masculino, uma vez que ele sequer consegue imaginar que um dos sexos não o possui. Nessa perspectiva, o menino, ao ver uma menina, imagina que seu aparato sexual vai crescer. O menino estimula o órgão com a mão e é repreendido com a intimidação de que vão cortar-lhe o pênis. “O efeito dessa ‘ameaça de castração’ é proporcional ao valor conferido ao órgão, sendo extraordinariamente profundo e persistente.” (Freud, 1908, p. 197). Se, no início da vida, as crianças ainda acreditavam que ambos os sexos tinham um pênis, mais tarde, a descoberta de que um deles não o possui acarreta consequências psíquicas importantes: no menino, o medo de perder o membro e, na menina, a inveja do pênis.

Em 1923, Freud atribui ao complexo de castração seu lugar fundamental na evolução da sexualidade infantil dos dois sexos, aponta sua universalidade e o relaciona com outro complexo: o de Édipo. Freud afirma que o menino, em dado momento, passa a perceber a distinção entre homens e mulheres, sem, de início, vinculá-la a uma diferença nos órgãos genitais. Posteriormente, sua investigação será voltada à procura do pênis em ambos os sexos e acaba por perceber que este não é uma posse comum a todas as criaturas. Essa descoberta se dá ao observar os órgãos genitais femininos de uma irmãzinha ou amiga.

Tal constatação não é fácil para o menino. Há inicialmente uma rejeição das crianças à ausência de um pênis, tanto assim que, por algum tempo, o menino acha que as meninas não têm o órgão igual ao seu porque ele ainda é pequeno e que vai crescer depois. Pode acreditar também que o pênis estivera lá e que fora

³ Foi em 1908, no âmbito das elaborações das teorias sexuais infantis, que Freud fez a primeira menção e o primeiro exame explícito deste complexo.

retirado. O menino pensa que certas mulheres, que ele julga não ter pênis, assim o são por terem recebido uma punição pelos seus impulsos inadmissíveis, iguais aos que ele próprio sente e que mulheres respeitadas como sua mãe teriam um pênis. A falta deste é vista como resultado da castração e agora o menino se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si próprio.

Freud postula a ideia de que a convicção final de que as mulheres não possuem um pênis leva à depreciação das mesmas, o horror a elas e a disposição ao homossexualismo. Nesse emaranhado de teorias, o menino, retomando os problemas da origem e nascimento dos bebês, percebe que apenas as mulheres podem engravidar, então, finalmente, ele compreende que sua mãe também não tem pênis e cria teorias para o nascimento como a de que o bebê vive no intestino da mãe e que nasce pela saída intestinal (segunda teoria sexual infantil).

Todos esses questionamentos do menino sobre a posse do pênis são germes de uma abordagem complexa sobre a ideia do que vem a ser para ele o masculino e o feminino. Na organização pré-genital, sádico-anal, não existe ainda a distinção entre masculino e feminino, a antítese predominante é a do ativo-passivo, já no estágio seguinte, fálico, existe masculinidade, mas não feminilidade. A polaridade ainda é possuir um órgão genital masculino ou ser castrado. Na teoria freudiana, é somente na puberdade que a divisão será entre masculino e feminino, comportando o primeiro a categoria de sujeito, atividade e posse de um pênis e o segundo, objeto, passividade e castração.

Ao tornar-se pai, a primeira teoria sexual pode retornar de várias maneiras, por meio de fantasmas diversos que habitam o inconsciente do homem. Porém, a mais importante conexão que podemos fazer entre esta teoria e a paternidade diz respeito ao complexo de castração. Temos, por um lado, o filho como uma ameaça de castração, e por outro, este como um alívio frente à ameaça. Ou seja, na primeira versão, a fantasia vivida na infância da perda do “reinado” para um irmãozinho se atualiza. Já na segunda experiência, o filho se oferece como objeto fálico que vai garantir a potência do homem, tornando-o pai.

Primeira montagem: filho como objeto fóbico

Segundo Borges & Moreira (2010) um filho, para um homem, pode assumir contornos de objeto fóbico, pois o pai se relaciona de forma privilegiada com a castração. Para as autoras, o acesso à paternidade exige que o homem

coloque novamente seu desejo à prova, reativando conflitos adormecidos. Esse percurso o leva ao confronto com a castração que evoca perdas narcísicas. A questão que se coloca é se a paternidade não seria um encontro do menino com a castração que tinha ficado apenas na ameaça. Laplanche (1988) fala de um duplo movimento da castração: castigo e promessa. Castigo como punição frente à transgressão da lei e promessa de realização humana, porque só por meio da castração é possível a passagem da ordem imaginária para a ordem simbólica. Para Borges & Moreira (2010), no menino, o pêndulo pesa mais para o lado do castigo por ter desejado a mãe, a promessa entra em cena, secundariamente, como possibilidade de desejar. Castração como promessa se apresenta a partir da instauração do sujeito desejante, aquele que se organiza em torno da falta. No ponto que se refere à filiação, o filho representaria exatamente a efetivação da castração. A montagem masculina da paternidade, nesta perspectiva, remete a um homem que teria ficado referido a um tempo no qual o menino está confrontado com a castração sem ainda ter sofrido seus efeitos, os quais, segundo Freud, seriam os da identificação com o objeto paterno. Se pensarmos na atualidade, essas questões podem se apresentar nos casos que vão desde a infertilidade masculina propriamente dita até a impossibilidade de certos homens de se ligarem emocionalmente aos filhos.

Seguindo esta vertente do filho como objeto fóbico, podemos imaginar fantasmas inconscientes de perda, de castração, presentes nos futuros pais. A fantasia vivida na infância remete a um tempo quando um bebê ameaçava a retirada de seu “reinado” — a perda da mãe para um irmãozinho. Isto equivaleria, na vida adulta do homem, de forma atualizada, à perda da mulher para seu filho, pois a cultura o informa de que, durante certo período, a mulher se volta para o bebê de forma quase exclusiva e abandona seu par amoroso. O fantasma de perda não é apenas relacionado à atenção da mulher para o marido, mas também à vida sexual do casal ou mesmo a uma vida conjugal anterior à chegada de um filho. No passado, o irmãozinho lhe tirou a sua mãe, seu primeiro objeto amoroso; agora, em sua fantasia, outro bebê — seu filho — pode tirar-lhe sua esposa ao tornar-se mãe. Nota-se que os significantes em jogo são os mesmos, apenas atualizados em uma nova situação de vida adulta, em uma virada complexa de mudança geracional que traz diversas formas de conflito.

Segunda montagem: filho como objeto fálico

A hipótese apresentada nesta vertente é a de que o sujeito adulto que viveu na infância os conflitos da castração, emaranhados que são com os conflitos edípicos, e realizou uma identificação com seu pai, estaria justamente efetivando na idade adulta aquilo que ele idealizou quando menino. Quanto a isso, Lacan (1958) chega mesmo a dizer que o menino, ao se identificar com o pai, detém consigo todas as possibilidades de se servir dessa condição no futuro. Isto, como uma metáfora paterna, fica guardada de reserva e sua significação se desenvolverá mais tarde, ou seja, quando ele tiver um filho. O funcionamento assemelha-se ao que poderíamos chamar de uma nota promissória. O menino na infância se identifica com o pai e, mais tarde, na idade adulta, pode fazer uso disso que foi emitido no passado. Tornar-se pai, assim, ao contrário do filho encarado como objeto fóbico, seria o encontro com o filho como um objeto fálico, que o faria se sentir potente consoante aquela identificação com seu pai no passado, o que o livraria (ilusoriamente) da castração. Nessa mesma linha, Kehl (2006) aponta duas versões masculinas para o desejo da paternidade. A primeira refere-se justamente à confirmação fálica que reforça a potência do pai. A segunda diz respeito ao desejo de descendência, fantasia de constituir um herdeiro para as conquistas materiais do pai e também para aquelas simbólicas herdadas, por sua vez, do pai do pai.

A segunda teoria sexual que as crianças desenvolvem, segundo Freud (1908), é a de que o bebê nasce pelo umbigo ou através de um corte na barriga ou ainda que os filhos chegam quando se come determinada coisa, e que nascem do intestino, expelidos como excremento. Sendo assim, ambos os sexos poderiam dar à luz. Freud afirma que é possível que o menino imagine que também ele tenha filhos sem que isso lhe atribua inclinações femininas.

A fantasia infantil de que o homem também conseguiria engravidar, pode ser articulada na vida adulta com a relação que os homens têm com a gravidez, seja pela inveja ou pela repulsa. Muitos falam abertamente como gostariam de passar por essa vivência, outros, ao contrário, querem tomar a maior distância possível da gestação da mulher, como se essa situação não tivesse nenhuma relação com eles. Há ainda homens que comentam que carregar um filho na barriga os remete a uma experiência desprazerosa.

A gravidez em um homem também pode ser associada com a chamada Síndrome de Couvade (Klein, 1991) que se caracteriza na psiquiatria por um conjunto de sintomas que aparece em alguns homens, semelhantes aos que a mulher apresenta durante a gravidez. São sujeitos que engordam, sofrem de enjoos, desejos, crises de choro ou mesmo apresentam um quadro de depressão. Numa perspectiva psicanalítica, poderíamos entender esse quadro a partir da teoria freudiana da identificação (Freud, 1921). Neste caso, uma identificação histórica do homem com a mulher grávida.

É importante lembrar que não há para o homem uma designação, um nome, para o ser masculino que espera um filho. A mulher está grávida, e o homem? Na atualidade, observamos a utilização, pelos homens, de diversas formas diferentes de nomear suas experiências, como demonstraremos no próximo capítulo. Essa tentativa de ter sua vivência nomeada demonstra a vontade masculina de ser ao menos incluído na cena, uma vez que é impossível, pelo menos, até hoje, com a medicina atual, um homem engravidar.

Ainda na articulação da paternidade com a segunda teoria sexual infantil, em especial, com a ideia de que o bebê nasce pelo umbigo da mãe ou que sai como um excremento, observamos que, ao tornar-se pai, o homem se vê envolvido com a rotina de um recém-nascido que gira em torno de temas justamente ligados ao umbigo, à alimentação e às fezes. Há uma prevalência de atenção à alimentação e à eliminação na vida de um bebê. Esses assuntos orais e anais estão diretamente associados à segunda teoria sexual infantil. Nela, como vimos, a criança acredita que o bebê entraria pela boca da mãe e sairia pelo umbigo ou intestino. Trata-se de teorias criadas pela criança a partir da vivência pulsional, do investimento do outro, nos orifícios de troca entre o interno e externo, que erogeniza o corpo do bebê por meio dos cuidados primordiais. O menino, que criou na infância as teorias sexuais, torna-se pai e vai marcar o corpo do seu filho assim como um dia foi marcado. Quando o pai está cuidando do bebê, ao lado da mãe, ele está sendo remetido inconscientemente à sua própria vida de bebê. Ele é novamente convocado a vivenciar experiências golpeadas pela amnésia infantil. Agora todo esse material inconsciente retorna na relação pai-bebê.

A terceira teoria sexual desenvolvida pelas crianças, segundo Freud (1908), é a concepção sádica do coito. As crianças interpretam a relação sexual como sendo um ato de violência. Elas querem saber em que consiste, descobrir o que os pais fazem um com o outro para terem filhos. Na paternidade, o homem realiza em ato, aquilo que, em criança, ele julgava inconscientemente violento. Na infância, a relação sexual é encarada como a cena primária da qual ele esteve excluído, mas, ao mesmo tempo, é resultado dessa cena. Segundo Roussillon (2010), a criança só suporta a exclusão porque sabe que, potencialmente, ela é falada pelos pais e, portanto, está e não está presente, não é a pura ausência, é uma experiência psíquica vivida numa área intermediária de experimentação (Winnicott, 1971), num paradoxo winnicottiano — que nunca deve ser resolvido — de estar e não estar presente ao mesmo tempo.

No processo de construção da paternidade, há, no eixo da sexualidade, outra articulação possível, desta vez com um conceito que é tido como central na psicanálise: o complexo de Édipo. Ao tornar-se pai, o homem é remetido à sua travessia edípica, que implica em reeditar as fantasias infantis relacionadas tanto à sua mãe quanto a seu pai. Para refletirmos sobre essa questão, é importante acompanharmos a conceituação de Freud acerca do Édipo, especialmente no menino.

Ao abandonar a primeira teoria da sedução e assumir os conceitos de fantasia e realidade psíquica, Freud percebe que os sentimentos universais dos filhos em relação aos pais são fantasias inconscientes com o pano de fundo da sexualidade infantil. Através de sua autoanálise, Freud começa a pensar nos sentimentos que ele tinha pelos próprios pais e percebe que os relacionamentos entre pais e filhos continuam muito mais do que laços afetivos e de parentesco.

Na carta 64, de 31 de maio de 1897, Freud relata um sonho que teve com sua filha mais velha e, no rascunho N, que acompanha a mesma carta, ele afirma que os impulsos hostis contra os pais também são elementos constituintes das neuroses. Mas é na carta 71, de 15 de outubro de 1897, escrita cinco meses depois, que Freud explicita o complexo de Édipo. Seu pai estava bastante doente e ele conta a Fliess que havia descoberto em si mesmo a paixão pela mãe e o ciúme pelo pai, considerando este fenômeno um “acontecimento universal do início da

infância” (Freud, 1897, p.693). É nesta mesma carta que ele cita o mito grego que o inspirou:

o poder de dominação de Édipo-rei torna-se inteligível...o mito grego salienta uma compulsão que todos reconhecem por terem percebido em si mesmos marcas da sua existência.

(Freud, 1897, p.694)

Anos depois, em 1909, Freud retoma a problemática do complexo de Édipo em termos de romance familiar. Podemos perceber a agudeza da teorização freudiana sobre o que ocorre entre pais e filhos, irmãos e irmãs, nas famílias em geral, nas seguintes passagens:

a relação entre crianças e pais não é, como a observação direta do menino e posteriormente o exame psicanalítico do adulto concordemente demonstram, absolutamente livre de elementos de excitação sexual. A criança toma ambos os genitores, e particularmente um deles, como objeto de seus desejos eróticos. Em geral o incitamento vem dos próprios pais, cuja ternura possui o mais nítido caráter de atividade sexual, embora inibido em suas finalidades.

(Freud, 1909, p.57-58)

...os sentimentos nascidos destas relações entre pais e filhos e entre um irmão e outros, não são somente de natureza positiva, de ternura, mas também negativos, de hostilidade...

(Freud, 1909, p.58)

ele começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e a odiar, de nova forma, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do complexo de Édipo.

(Freud, 1909, p.176-177)

Na virada dos anos de 1920, a conceituação do complexo de castração leva o autor a romper com a simetria no complexo de Édipo, suposta até então. Doravante, Freud passa a valorizar a fantasia infantil de que os seres humanos são divididos em fálicos e castrados, instaurando uma diferença: o menino sai do complexo de Édipo pela angústia da castração, enquanto a menina entraria no processo ao constatar a castração em si mesma. Uma forma de entendermos a célebre frase “a anatomia é o destino” (Freud, 1924, p.197) seria a de que enquanto a menina aceita a castração como um fato consumado, o menino teme a possibilidade de sua ocorrência.

No caso do menino, é pelo medo de perder o falo que ele se desvia da mãe como objeto de desejo e se vira para o pai em busca de uma identificação. Durante

certo tempo, o amor à mãe e a identificação ao pai avançam lado a lado, porém, em um dado momento, os desejos sexuais em relação à mãe se tornam mais intensos e o pai é percebido como um obstáculo a eles. A identificação ao pai ganha um tom hostil e transforma-se num desejo de se livrar dele. A partir daí, a relação de hostilidade do menino com o pai aparece de forma mais manifesta.

A hostilidade com o pai e a relação objetal de tipo unicamente afetuosos com a mãe constituem o que Freud (1923) denominou de Édipo positivo simples. O investimento objetal na mãe deve ser abandonado na dissolução do complexo de Édipo. Assim, o menino desenvolve uma identificação com o pai e abre caminho para relações amorosas com outros objetos que não os incestuosos. Já na versão negativa do Édipo, o menino apresentaria uma atitude passiva de ser amado pelo pai e desenvolveria um ciúme com relação à mãe. Ambas as formas, positiva e negativa, constituem o complexo de Édipo completo que, segundo Freud, resultaria da bissexualidade original da criança. A entrelaçada dinâmica da travessia edípica é apresentada por Freud nas seguintes palavras:

A experiência analítica demonstra então que, num certo número de casos, um ou outro dos constituintes desaparece, exceto por traços mal distinguíveis; o resultado, então, é uma série com o complexo de Édipo positivo normal numa extremidade e o negativo invertido na outra, enquanto que os seus membros intermediários exibem a forma completa, com um ou outro dos seus dois componentes preponderando. Na dissolução do complexo de Édipo, as quatro tendências em que ele consiste agrupar-se-ão de maneira a produzir uma identificação paterna e uma identificação materna.

(Freud, 1923, p. 46)

Toda essa complexa vivência da dissolução do complexo de Édipo no menino traz um conflito entre a libido voltada para os pais e o investimento narcísico em seu órgão sexual, que acaba por prevalecer:

Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte do seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesses conflitos, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo.

(Freud, 1924, p.196)

De acordo com Freud (1925), uma das principais ocorrências da dissolução do complexo de Édipo diz respeito à consolidação da instância psíquica do Superego, denominado por ele o herdeiro do complexo de Édipo:

nos meninos o complexo não é simplesmente recalcado é literalmente feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada. Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas, e em parte, sublimadas; seus objetos são incorporados ao ego, onde formam o núcleo do superego e fornecem a essa nova estrutura suas qualidades características. Em casos normais, ou melhor em casos ideais, o complexo de Édipo nem existe mais, nem mesmo no inconsciente; o superego se tornou seu herdeiro.

(Freud, 1925, p.285)

Não podemos deixar de apontar que, nesse momento de sua obra, Freud (1923) não apenas postula a diferença do complexo de Édipo nas meninas e nos meninos, mas também, ao ser articulado com o complexo de castração, propõe para aquele conceito, um estatuto estruturante do aparelho psíquico. A partir daí, o lugar do outro e das identificações ganham um relevo no argumento freudiano.

A fim de dar mais visibilidade à questão do Édipo positivo e negativo nos meninos, acompanharemos a comparação feita por Freud (1926) entre seus célebres casos “Pequeno Hans” (1909) e “Homem dos lobos” (1918) na qual o psicanalista aponta que, apesar de certas semelhanças, há diferenças significativas na posição de cada um deles face ao pai.

Em “Pequeno Hans”, trata-se de um menino que tinha uma fobia de ser mordido por um cavalo, animal que estava sempre presente nas brincadeiras entre Hans e o pai. Freud afirma que o sintoma de Hans consistia no fato de ele ter substituído o pai por um cavalo, pois assim a angústia de castração comparecia de forma deslocada. Caso não houvesse esse deslocamento do pai para o cavalo, tratar-se-ia de uma travessia edípica típica: o pai situado como rival.

O que Freud põe em evidência nesse caso é a versão positiva simples do complexo edípiano (uma relação de desejo pela mãe e uma hostilidade pelo pai). Porém, o autor afirma, ao mesmo tempo, que há uma ambivalência na relação de Hans com o pai. O afeto positivo em relação ao pai aparecia sob a forma da fantasia típica do enredo infantil de ser devorado pelo pai. O psicanalista acreditava que esta ideia corresponderia a um impulso passivo de ser amado por ele num sentido erótico genital.

Já no caso do menino russo, o sintoma central era o medo de ser devorado por lobos, daí o título do caso de “Homem dos lobos”. Vale ressaltar que aqui mais uma vez o objeto temido origina-se no elemento lúdico sempre presente nas brincadeiras entre pai e filho. Após longo processo analítico, Freud constrói o que

ficou conhecido como cena primária, a fim de dar inteligibilidade à situação clínica. De acordo com as construções freudianas, o caso teria início na tenra infância numa suposta observação do menino de uma relação sexual entre os pais, quando tinha apenas um ano e meio de idade. Este fato teria deixado uma marca indelével em seu inconsciente. Freud postula então que, diante dessa cena, o menino teria se posicionado a partir de duas vertentes: uma ativa calcada numa identificação com o pai e uma outra, passiva, na qual estaria em jogo uma identificação com a mãe. Doravante, Freud destaca uma dinâmica das seduções. Um ano mais tarde, o menino tentou seduzir sua primeira babá, que reagiu com uma ameaça de castração. Outro ano se passa e, dessa vez, o menino é que é seduzido por sua irmã mais velha e é posicionado no lugar de objeto face a esse acontecimento traumático. Mais tarde, ele provoca uma segunda babá, esperando que esta o ponha novamente na mesma posição de objeto, posição passiva, que sua irmã o colocou. Assim como a primeira babá, a segunda ameaça castrá-lo. A partir desse momento, o menino passa a ficar revoltado e a provocar o pai constantemente. Ele espera um castigo do pai, de forma masoquista, e o pai, então, passa a ser seu principal objeto de fantasias incestuosas. É importante ressaltarmos que novamente o menino retoma a posição passiva da cena primária. Surge então, na análise, a lembrança de um sonho ocorrido quando ele tinha quatro anos, no qual aparece o temor de ser devorado pelo lobo, figura deslocada do pai. Freud se dedica exaustivamente à interpretação desse sonho, sempre destacando a posição de objeto, passiva, presente em toda essa montagem onírica.

Após o breve resumo da complexa estrutura desses dois casos, vamos nos deter nas semelhanças estabelecidas por Freud em 1926. Em ambos, a fobia se referia a um deslocamento da figura do pai para um animal. O objeto fóbico aparece como um representante simbólico de determinado material inconsciente recalcado. O autor identifica uma força motriz do recalque comum aos dois casos: o temor da castração iminente. O sofrimento das duas crianças — ser mordido por um cavalo e ser devorado por um lobo — eram substitutos, por distorção, do medo de serem castrados pelo pai. Esta foi a ideia que sofreu o recalque. Foi nesse momento da teoria, graças à comparação dos dois casos, que Freud concluiu que é a angústia que produz o recalque e não o inverso, como ele acreditava anteriormente.

A diferença anunciada por Freud é que, em “Homem dos lobos” há o complexo de Édipo duplicado: posição ativa (deseja a mãe e rivaliza com o pai) e, simultaneamente, passiva (deseja o pai e rivaliza com a mãe), enquanto em “Pequeno Hans” prevalece o Édipo positivo simples (deseja a mãe e rivaliza com o pai).

No âmbito do presente trabalho, a fim de enfatizar o abalo edipiano reeditado por ocasião da paternidade, interessa-nos destacar que, quando o homem se torna pai, as fantasias edípicas recalçadas retornam face à chegada do bebê, um terceiro em meio à relação do casal, e ao lado de uma mulher, que agora é mãe. Acompanhando o processo edípico descrito por Freud, todo homem na infância deve alterar seu direcionamento libidinal em relação à mãe. Já no tocante ao pai, faz-se necessária a modificação do sentimento de hostilidade pela identificação. Ao tornar-se pai, com a chegada de um filho, todo homem se vê as voltas, tanto com uma ameaça quanto com a possibilidade de elaborar fantasmas edípicos.

Se pensarmos no bebê como uma ameaça à estruturação edípica já estabelecida anteriormente, podemos destacar fantasmas que remetem à sua relação com a mãe, bem como ao vivido com o pai no passado.

No que se refere à mãe, este significante colado à sua esposa grávida pode trazer enormes dificuldades para certos homens em lidar com a sexualidade, não só na gestação, mas também após o nascimento do bebê. Ter relações sexuais com uma mãe pode ser interpretado inconscientemente de diversas formas, produzindo efeitos variados. Tudo isso dependeria de como cada sujeito se posicionou frente aos conflitos edípicos. Além disso, o contato sensorial do pai com o filho remete aos momentos primitivos nos quais ele, como bebê, viveu com a mãe situações intensas que depois foram se tornando incestuosas e proibidas a ponto de serem recalçadas.

Já em relação ao pai, a identificação pode ter sido experimentada de forma conflituosa no passado e, portanto, tornar-se pai significaria a realização de algo perturbador para o sujeito. Além disso, sabemos que há uma herança filogenética dos mitos relacionados ao assassinato do pai. Se lembrarmos de “Totem e tabu”, podemos imaginar a existência de uma fantasia ancestral de que ter um filho é ter dentro de casa um rival em potencial. Já ao recordamos o mito edipiano poderíamos considerar que, ao ter um filho, os sujeitos se tornam temerosos de

serem condenados como Laio, que seria morto pelo próprio filho. Como sabemos, no final da história mitológica, Édipo, mesmo fazendo o possível para escapar da predestinação que lhe fora imposta, acaba por matar o pai. Portanto, os sujeitos podem carregar certos medos, ao se tornarem pais, relacionados à morte, o que de fato tem algum sentido uma vez que a mudança geracional de filho para pai traz em si mesma a ideia do envelhecimento e, conseqüentemente, a maior proximidade com a morte.

Por outro lado, podemos considerar o nascimento do filho como oportunidade de elaboração dos conflitos edípicos. No que diz respeito à mulher ter se tornado mãe não significaria um ponto de tensão e sim a possibilidade de viver, com outra mulher, aquilo que foi interdito em relação à mãe. Assim como as trocas afetivas com o bebê, em vez de serem encaradas de maneira conflituosa, se apresentariam como possibilidades sublimatórias na economia libidinal dos homens. O bebê pode representar a concretização da fantasia da identificação paterna, posto que aquilo que o menino sonhou na infância, seria concretizado: ele agora tornou-se pai. Quanto ao medo da morte relacionado à paternidade, o bebê pode ser encarado menos como ameaça e mais como um novo ser que vem enaltecer e renovar a vida, em oposição à lembrança do envelhecimento e da finitude do pai.

O que significa tornar-se pai hoje

Após termos analisado no capítulo anterior a vertente universal do processo de tornar-se pai por meio do estudo da retomada das produções fantasmáticas no homem que vai ter um filho, apresentaremos como o homem contemporâneo constrói de forma singular um sentido para a paternidade.

Durante muito tempo a pergunta quanto ao que era ser pai não teria cabimento, pois tinha-se certeza quanto à resposta. Até a modernidade, tornava-se pai aquele que engravidava uma mulher e desempenhava o papel de provedor da família. A paternidade para o homem significava ainda a transmissão de um nome e de uma tradição. Com a concepção de família burguesa, centrada nos pais e filhos e retirando os demais parentes do núcleo doméstico, a criança passou a ganhar um lugar especial na família transformando-se num “capital” familiar a ser investido. Coube à mãe a tarefa de cuidar dos filhos na sua relação com a medicina e a pedagogia e, com isso, a mulher ganhou um lugar especial na vida doméstica. Os homens ficaram encarregados do espaço público. Os pais deveriam se sacrificar pelos filhos, que eram a guia mestra de suas vidas, futuro da nação (Birman, 2008).

Se olharmos historicamente a participação dos homens na convivência com os filhos notaremos que, a partir do fim do século XIX, o papel do pai foi sendo reduzido pela política do Estado, que tirava dele seu lugar no cotidiano do filho, dando ênfase à função materna. O discurso ideológico do Estado pregava que, a cargo da mulher, ficava o dever de educar e cuidar dos filhos, enquanto o pai seria apenas o provedor econômico (Badinter, 1985).

Outras mudanças sociais influenciaram na perda de referências quanto ao que é ser pai. Os movimentos feministas contribuíram de forma acentuada para a discussão quanto aos papéis de homens e mulheres na sociedade e no mercado de trabalho. A partir da descoberta dos métodos anticoncepcionais, a sexualidade foi desvinculada da reprodução trazendo mais novidades no que se referia ao papel da mulher na sociedade e desorganizando as referências, antes claras, do que era ser mãe e pai. Ainda podemos incluir o aumento do número de divórcios,

consequentemente, de pais que não vivem com seus filhos (Piccinini & Silva, 2007) e as uniões homossexuais como fatores que influenciaram os reposicionamentos sociais e redefinições de papéis. Birman (2008) afirma que na busca por igualdade as mulheres saíram de casa e os homens não voltaram para a esfera doméstica. Assim, os cuidados essenciais com as crianças que antes eram realizados pelas mães nessas equações biopolíticas, passaram a ser outorgados às instituições escolares. A chamada socialização primária passou a ser feita também pela escola, gerando uma mudança do ponto de vista da dinâmica social e do investimento libidinal.

Se antes tínhamos uma sociedade mais estratificada, onde havia certezas quanto ao lugar do pai e da mãe na família, ao longo dos anos, as referências quanto ao que era ser pai foram perdendo nitidez. As diferenças entre homens e mulheres nos costumes, hábitos e atitudes foram minimizadas. A perda da legitimidade do patriarcado foi uma das mudanças mais importantes do fim do século XX. O patriarcado, na compreensão de Millett (1970) é uma política sexual presente nos atos mais privados e pessoais e ancora-se não só na dominação coletiva dos homens sobre as mulheres, mas também na separação entre mundo masculino e feminino, em decorrência do afastamento do mundo materno considerado inferior em relação ao paterno.

Diante desse cenário, no qual o homem não tem a clareza quanto à posição que ocupa na família, Kehl (2001) especula que restam duas certezas subjetivas sobre as quais se apoia o ser na atualidade: a filiação e a sexuação. As duas estão relacionadas à estrutura familiar. Para a autora, os pais estão num lugar de pouca sustentação simbólica, uma vez que a dívida com a família perdida faz com que se sintam sempre insuficientes como pais. Isso ocorre porque a mesma cultura que os obriga a fazer tudo diferente do que os pais fizeram, diz igualmente que o ideal, perdido como todo ideal, é serem exatamente como seus genitores. Birman (2006) acrescenta que as novas formas de subjetivação que se apresentam na atualidade indicam claramente que os processos de simbolização funcionam de outra maneira na contemporaneidade. Os homens se encontram perdidos, pois a posse do pênis não é mais garantidora da condição fálica, de um poder na sociedade, de uma virilidade assegurada. Assim, o filho atualmente pode entrar, como comentado no capítulo anterior, na montagem do filho como objeto fálico, como mais um

elemento na construção da sua representação de masculinidade, assim como na clássica equação freudiana para a feminilidade (filho = falo).

Outra característica destacada nos estudos atuais sobre a paternidade é a falta de autoridade assumida pelos pais junto a seus filhos. Hurstel (2006) esclarece que a posição de autoridade dos pais não é saber dizer “não” e sim uma posição genealógica, uma posição que os diferencia das crianças. A autoridade dos pais está ligada à sua capacidade de ocupar e de assumir seu lugar genealógico. Essas dificuldades demonstram que as mudanças da posição do pai na família trouxeram novos conflitos psíquicos, dos quais, possivelmente, os homens estavam protegidos pela ausência na vida doméstica.

Muitas pesquisas atuais questionam se há mesmo um “novo pai”. É inegável que hoje percebemos um pai que é fisicamente íntimo do filho, que busca contato corporal com o mesmo. Atualmente, observamos homens que são capazes de se interessar pelos recém-nascidos. Há pais que tomam conta e conseguem se envolver nos cuidados essenciais dos filhos pequenos. Mas ainda existem aqueles que, pautados por uma noção tradicional de pai, não são próximos dos filhos e não se envolvem nos cuidados primordiais. O cenário atual é muito mais o de um período de transição do que propriamente o de uma revolução definitiva das mentalidades e costumes.

Para Devreux (2006), ao menos na França, do ponto de vista das práticas concretas, a noção de “novos pais” surge como pura construção ideológica, desligada das realidades da vida familiar e da divisão do trabalho entre os sexos. Segundo ela, as mulheres continuam a assegurar a maior parte das atividades de cuidados da criança e a parte assumida pelos homens no trabalho doméstico e parental pouco progrediu nos últimos vinte anos. Os resultados de suas pesquisas mostram que na França, as mulheres continuam a realizar 2/3 do trabalho doméstico e parental, o dobro da parte assumida pelos homens. Para alguns autores, a mulher criou essa ideia de um “novo pai”, novo parceiro, que ajudasse na criação dos filhos, quando se viu sobrecarregada com os afazeres domésticos e a vida profissional. Beltrame & Bottoli (2010) indicam que no momento de transformação o “novo pai” transita entre valores novos e arcaicos de tal maneira que esses modelos coexistem. Por tal razão, a herança deixada para o homem atual é a mutação, pois não há mais, nem um reconhecimento da virilidade masculina,

nem um novo modelo através do qual este reconhece a si mesmo. Existe um pai multifacetado com antigos e novos padrões (Badinter, 1993).

Culturalmente já sabemos que o homem esteve ausente de todo o universo infantil do filho e que atualmente cada vez mais ele está presente de alguma forma, desde a gravidez, até a criação e os cuidados do filho. Porém, mesmo nesse novo cenário, durante a gravidez, o homem vive um momento de exclusão porque o bebê não está dentro de seu corpo. Na mulher, o corpo a convoca a elaborar a concepção da maternidade desde muito cedo. Para o homem, no período da gestação, é impossível o acesso direto ao filho. Ele precisa necessariamente passar por um terceiro, no caso, a mulher. A gravidez para o homem é virtual, é fora dele. O filho pertence a ele, mas está dentro de outra pessoa, externo a ele, o que traz consequências psíquicas importantes na construção do processo de tornar-se pai.

Uma questão cultural importante que ainda se apresenta nos dias atuais, como já foi mencionado no capítulo três, diz respeito à falta de uma titulação para o homem que está esperando um filho. Atualmente ouve-se muito a expressão “estamos grávidos”, mas constatamos que os homens ainda não conseguem se utilizar de uma nomenclatura apropriada à situação que vivem. Vejamos alguns exemplos retirados de entrevista feita em uma pesquisa sobre a construção da parentalidade, que será devidamente detalhada no próximo capítulo.

Ao citar um amigo, Alexandre corrige a frase por falta de palavra adequada à situação. Ele precisa introduzir a mulher na sentença quando poderia ter falado apenas do homem que vai ser pai, diz ele: “um amigo meu que tá... a esposa também tá grávida”. Já Daniel cria o neologismo “grávido” e chega mesmo a dizer que o amigo teve parto normal, corrigindo a frase em seguida: “Eu fui o primeiro da minha turma de amigos a ter filho... e aí tem mais um grávido, sei lá, com três meses, tá começando”. “Ele teve parto normal, a esposa dele, né?” A solução de Bruno foi cometer um “erro” de português para poder se expressar: “quando a gente decidiu estar grávida”. Como vimos há inúmeros exemplos que mostram a falta de um nome para o homem que espera um filho.

Além dos aspectos citados acima, observamos outras diferenças entre a concepção da maternidade e da paternidade na atualidade. Monique Bydlowsky (2002) criou o conceito de transparência psíquica, que descreve as características

do psiquismo materno durante a gestação. Segundo a autora, a mulher grávida teria uma diminuição das resistências e, com isso, um maior contato com o material recalcado inconsciente. Bydlowsky observou que as mulheres durante a gravidez tendem a falar mais de si mesmas — seus amores, sua infância, sua mãe — do que do bebê. Para a autora, a mulher grávida dispõe de uma maior abertura para recuperar o seu infantil. Nesse período, a sexualidade feminina está à flor da pele. Sendo assim, a mulher durante a gestação tende a voltar-se para si mesma, para sua infância, sua história pessoal. Para Bydlowsky, há um reencontro íntimo da mãe consigo mesma nesse período. Desse modo, a mulher está mais suscetível ao retorno de angústias primitivas ou, ao contrário, à revivência de uma vida sensorial prazerosa da época de bebê.

Bydlowsky destaca ainda que a fase descrita acima é de crise maturativa, da mudança de geração de filha para mãe de maneira flagrante e irreversível. É um período de ansiedade e conflito, mas também de geração de novas potencialidades e engajamentos, possibilitando a vivência de um processo de formação de uma nova identidade. É um momento, ao mesmo tempo atual e de reminiscências do passado, que traz de volta fantasmas habitualmente esquecidos, que reaparecem, pois estão menos barrados pela censura.

Talvez possamos pensar que, no homem, a gravidez da mulher provoca um maior contato com o arcaico, desorganizando suas defesas. Ele também estaria mais vulnerável a um reencontro com fantasmas da ordem do infantil, o que possivelmente nos autorizaria a dizer que o homem também vive, a seu modo, uma experiência de transparência psíquica. O psiquismo paterno, durante o período de gestação da esposa, parece apresentar uma redução das resistências provocando angústia. Esta seria causada pela experiência de uma nova vivência psíquica na qual ele precisa se defrontar com um estado arcaico, sempre ameaçador, posto que o colocaria novamente frente a um estado de desamparo e dependência de um outro primordial. A impressão que se tem é que o homem, em vez de voltar-se para si mesmo, volta-se para a esposa e o bebê para tentar proteger-se da angústia causada pelo maior contato com o universo arcaico e o feminino originário.

Se, antes do nascimento da criança, a angústia no pai parece latente e ele não tem acesso direto ao filho, depois da vinda do bebê ao mundo, o homem vive

o confronto com a alteridade, a revivência do estado de desamparo estampado na sua frente em carne e osso e o retorno das questões edípicas na evolução da família que passa a ser a três. Porém, concomitantemente, há uma possibilidade de vivência positiva, estruturante. O homem pode elaborar suas questões se identificando com o bebê em suas necessidades primordiais, numa espécie de “preocupação paterna primária”, se assim pudermos nos autorizar a chamar esse estado especial em que passam os pais de bebês recém-nascidos na atualidade. Isto quer dizer que a paternidade pode auxiliar o homem na elaboração de conflitos psíquicos importantes que estão constantemente sendo reelaborados ao longo de sua vida.

Se o homem puder lidar de uma forma positiva com esse novo estado, sem se sentir engolfado por esse universo que antes era exclusivo da mulher, não percebendo-se ferido em sua masculinidade, mas, pelo contrário, tendo no contato com o filho uma reafirmação de sua virilidade e falicidade, ele poderá tornar-se mais sensível à esposa e ao filho, e experimentará assim o que Winnicott (1963) chamaria de um ambiente facilitador para o desenvolvimento do bebê.

Em casos assim, as vantagens não são exclusivas da criança. A mulher também se beneficiará se o pai de seu filho puder entendê-la na sua “doença normal” como denominou Winnicott (1956) para a vivência da preocupação materna primária. Este conceito diz respeito a um estado especial que a mulher vive num período que, segundo o autor, duraria de algumas semanas antes do parto até outras imediatamente posteriores a este. Essa experiência consiste em uma sensibilidade exacerbada que possibilita a adaptação delicada às necessidades do bebê. O psicanalista postula a ideia de que, por causa da preocupação materna primária, a mãe biológica seria a melhor pessoa para cuidar do bebê. Porém, logo em seguida, ele afirma que a mãe adotiva, ou qualquer outra mulher que consiga entrar nesse estado especial, poderia se ocupar da criança. Então, a pergunta que nos interessa no estudo da situação contemporânea é: será que o pai da atualidade é capaz de entrar nesse estado tão especial de que fala Winnicott?

Se respondemos afirmativamente, podemos supor que, além do bebê e da mãe, também o homem se beneficiaria, já que ele não se sentiria excluído da cena, nem trocado pelo bebê na economia libidinal da mulher e sim incluído numa troca a três onde ambos, pai e mãe, vivem um estado especial com o filho recém-

nascido numa troca afetiva sutil e coordenada como num balé no qual os passos se dão precisamente de acordo com os acordes musicais, e na qual os três sujeitos se estruturam e reestruturam a partir de uma vivência coletiva consciente e inconscientemente.

4.1

A trajetória singular da paternidade em uma pesquisa de campo

Após o estudo das possibilidades de experiências universais que os homens vivem na paternidade, analisaremos histórias particulares que vão exemplificar a singularidade do processo de tornar-se pai. Para isso e, diante do panorama atual, da falta de referências que ajudem a nortear o que significa ser pai, julgamos necessário analisarmos as falas de pais colhidas em nossa pesquisa de campo. A pesquisa a qual nos referimos, realizada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sob a coordenação da professora Silvia Zornig, tem como tema central a construção da parentalidade.

Nessa pesquisa, o método utilizado foi o clínico qualitativo. Este consiste em procurar capturar os sentidos e significações dos fenômenos, ouvindo e observando os sujeitos e dando interpretações. Neste método, os fenômenos são compreendidos a partir da existência do inconsciente, entendendo a relação do sujeito e do entrevistador a partir dos conceitos de transferência e contra-transferência (Turato, 2003). Consideramos este o melhor método de pesquisa a ser utilizado, pois suas ferramentas básicas são elementos psicanalíticos. Assim sendo, pudemos realizar a articulação dos dados capturados no campo com nossa fundamentação teórica que é composta por conceitos da psicanálise.

A escolha dos participantes, cinco homens e cinco mulheres, se deu por critérios de conveniência (Gil, 2006) a partir de indicações de pessoas que identificaram sujeitos que atendiam aos requisitos básicos da pesquisa: serem moradores da zona sul do Rio de Janeiro, não terem nenhum conhecimento prévio do entrevistador e terem recebido a notícia da gravidez recentemente.

Realizamos seis entrevistas ao longo de vinte meses com o intuito de acompanhar a trajetória de cada sujeito no processo de tornar-se pai e mãe. As entrevistas realizadas eram semidirigidas e foram divididas da seguinte maneira:

- 1^a.) Aos três meses de gestação da mulher
- 2^a.) Aos seis meses de gestação da mulher
- 3^a.) Aos nove meses de gestação da mulher
- 4^a.) Com um mês de nascido do bebê
- 5^a.) Com seis meses de nascido do bebê
- 6^a.) Com um ano de vida do bebê

A escolha do número de entrevistas, bem como do período em que elas deveriam ocorrer, se deu no sentido de contemplar a ideia de que a construção da parentalidade é um processo, um caminhar, um *continuum*, que não acontece de repente, mas experimenta-se aos poucos, com a notícia da gravidez, a evolução da mesma, o nascimento do bebê e depois com o crescimento do filho. Por isso, procuramos realizar uma pesquisa longitudinal e ter entrevistas pré- e pós-parto cobrindo um período no qual julgamos que os sujeitos pudessem passar por vários momentos distintos da experiência de tornarem-se pais.

Os procedimentos tiveram início com o primeiro contato telefônico dos pesquisadores com os sujeitos, o qual visava explicar o tema da pesquisa e convidá-los a participar. Em seguida, foi agendada a primeira entrevista que, bem como as demais, foi gravada e posteriormente transcrita obrigatoriamente pelo pesquisador que a realizou. As entrevistas foram feitas em local escolhido pelos entrevistados, uma vez que, na pesquisa qualitativa devemos considerar o ambiente natural do sujeito como campo de coleta de dados.

Analisamos as entrevistas dividindo-as em duas etapas. Na primeira, avaliamos o percurso individual de cada um dos sujeitos. A análise foi da narrativa contínua do período de vinte meses que os acompanhamos. Nesse sentido, buscamos a singularidade de cada sujeito no processo de construção da parentalidade. Em seguida, analisamos as entrevistas em cada um dos seis períodos, ou seja, cruzamos as entrevistas em busca de pontos comuns nos sujeitos em relação ao processo de tornarem-se pais. Acreditamos que com essas duas etapas foi possível analisar as entrevistas do ponto de vista da singularidade e da universalidade do processo de construção da parentalidade.

Na análise das entrevistas foram avaliadas não só as transcrições, como também o papel desempenhado pelos pesquisadores e os efeitos sentidos pelos entrevistados ao longo de todo o processo. A análise de entrevistas no método

clínico qualitativo tem por base o processo da entrevista mais do que seu conteúdo. Usando esse método de pesquisa, tivemos sempre em mente a ideia de uma construção conjunta (pesquisador-entrevistado), que é fruto de uma relação e considera o sentido dialógico da dupla. Segundo Denzin & Lincoln (2006), não se deve valorizar a mente particular e sim a intersubjetividade. Portanto, ao analisar as falas dos pais não deixamos de contemplar o efeito sentido pela dupla (pesquisador-entrevistado).

Durante as entrevistas, tivemos notícias do efeito terapêutico sentido por alguns entrevistados masculinos. Em muitos momentos, os homens comentavam como aquela conversa os ajudava a dar sentido ao momento que estavam passando. Eles mencionaram o quanto aquelas entrevistas criaram a possibilidade de pensarem sobre si mesmo, elaborando questões, numa época em que as atenções estão todas voltadas para a grávida e o bebê. Os sujeitos sinalizaram o quanto os homens são pouco ouvidos nesse momento em que a esposa espera um filho. Eles nos apresentaram uma vantagem a mais na realização da pesquisa, que não se esgota na construção do conhecimento, mas que pode, além disso, propiciar uma nova experiência de construção de elaborações psíquicas para além do *setting* analítico.

A pesquisa obteve autorização do Comitê de Ética em Pesquisa do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, conforme registro número 05/2009. Todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. É importante salientar que, durante as entrevistas, foram tomados todos os cuidados éticos necessários para preservar a identidade dos sujeitos. Utilizamos nas transcrições nomes fictícios, não só para os entrevistados, mas também para todos aqueles citados por eles durante a entrevista. Criamos códigos para cada sujeito para que os demais pesquisadores não soubessem seus verdadeiros nomes e as gravações foram devidamente guardadas em local seguro.

Com relação aos resultados obtidos na pesquisa o que mais nos chamou a atenção num âmbito geral foi que, em raros momentos, ao longo de todas as entrevistas os homens falaram de seus pais. Os sujeitos da pesquisa contavam apenas sobre o momento presente e perspectivas do futuro, sem se questionarem sobre seu passado de forma explícita. Outro resultado importante de nossa

pesquisa foi a observação de que, na entrevista que precedia o parto, todos os homens entrevistados estavam vivendo um momento de extrema angústia. Além dos resultados comuns a todos, foi possível também traçar um caminho singular no processo de tornar-se pai, como veremos nos três exemplos a seguir.

4.1.1

Alexandre: um pai embaraçado

Acompanhamos a trajetória de Alexandre desde o início da gravidez da esposa (três meses de gestação) até sua filha completar um ano de idade. Nesse período, percebemos o quanto Alexandre foi se tornando pai, num movimento constante, que passou por diversos aspectos influenciados pela realidade concreta, por sua relação conjugal e também pela revivência de aspectos arcaicos e edípicos por meio de uma nova elaboração de fantasmas inconscientes.

A primeira observação que precisamos fazer em relação à trajetória de Alexandre é que ele contou, à sua maneira, espontaneamente, “de onde vem o bebê” que eles estavam esperando. Suas falas demonstram o quanto a pergunta infantil sobre o enigma da vida persiste na vida adulta, atualizando-se com a chegada de um filho.

Afirma que o bebê veio mais de um desejo seu do que de sua esposa, e que veio na hora certa:

“eu tinha mais vontade do que minha mulher.”

“Acho que tá sendo na hora certa mesmo, em termos de amadurecimento, em termos de condições financeiras e tudo mais, acho que tá no momento certo”.

No início da gestação, Alexandre vivia um estado de ambivalência. Havia uma identificação com a esposa e o bebê, bem como, ao mesmo tempo, a presença de certo distanciamento da gravidez e de tudo o que envolvia aquele novo acontecimento. O movimento de identificação quase fusional com a mulher grávida fica explicitado ao contabilizarmos que ele usou na primeira entrevista 43 vezes a expressão “a gente” para responder a perguntas direcionadas apenas a ele, a ponto de se expressar como se ele e a mulher fossem um só: “o médico liberou a gente para fazer exercício” e “a gente fez aquele teste de urina”. Já o

distanciamento aparecia nas precedentes de um “eu acho que” assim como no modo pelo qual ele se referia à filha ou à gravidez. Não usava qualquer pronome, dizia por exemplo: “já tava grávida”, ou falava de forma despersonalizada, como se fizesse referência a uma entidade: “a barriga começou a crescer”.

A ambivalência aparece novamente ao falar sobre a dificuldade de tocar na barriga da mulher, ele diz: “fico embaraçado”. Por um lado, percebemos que ele não está à vontade para tocar na barriga de uma mulher que carrega outra mulher, que também é dele, mas que não está dentro de seu corpo. Por outro, não podemos deixar de estranhar a escolha da palavra “embaraçado” que em espanhol tem o significado de gravidez, demonstrando o quanto ele está vivendo uma identificação histórica com a esposa grávida. Será que ele teria um desejo inconsciente de ficar “grávido”, como na segunda teoria sexual infantil desenvolvida por Freud?

Mais uma demonstração da ambivalência encontra-se no fato de achar que ter um filho era ora estranho ora familiar, ora bom ora ruim. Ao saber da notícia da gravidez, disse: “foi bastante legal, mas é difícil”. A ambivalência vinha acompanhada de uma sensação de algo a ser construído, e ele afirmava naquele momento: “a ficha não cai”. Para ele, fatos externos como a barriga crescendo, a compra de objetos e roupas para o bebê, a arrumação do quarto e os exames de ultrassonografia ajudavam a concretizar, a concretizar a ideia de tornar-se pai. Sobre os exames, ele disse: “deu pra ver se mexendo, começa a ficar mais real”.

Alexandre compara sua situação com a da esposa dizendo que ela sente muito mais a maternidade do que ele a paternidade pelo fato de ela carregar o filho na barriga: “Eu acho que ela está sentindo muito mais do que eu, tá lá dentro, né?”

Quanto ao retorno das questões arcaicas, Alexandre demonstrou certo desconforto com a ideia da entrada num universo que ele denominou de “mundo feminino”. Ao observar, numa viagem de avião, um pai com três filhas adolescentes mulheres, ele comentou: “o cara tá no mundo feminino... o cara não tem como não tá inserido nesse meio” e ainda em relação ao sexo do bebê (uma menina), Alexandre disse:

“a gente sempre espera um pouco que seja homem, eu acho, né... eu acho que sempre homem, eu acho que se fosse homem seria um pouquinho, não sei ia agradar um pouquinho mais.”

Sua fala demonstra que, com muita dificuldade, ele admite que seria melhor, talvez mais fácil para ele, um menino. Não sabemos que fantasmas habitam o inconsciente de Alexandre no convívio mais intenso, mais sensorial com uma menina. Podemos especular que seria incômodo para Alexandre reviver com o bebê o que ele viveu com sua mãe quando pequeno. Talvez a entrada nesse universo que ele chama de “feminino” trouxesse de volta conflitos antigos que seriam reativados.

Se, do passado, Alexandre não queria falar muito, sobre o futuro, tudo para ele ainda muito novo e desconhecido:

“fico imaginando, mas não muito ainda.”

“não consigo imaginar o rostinho... não me vem nada na cabeça assim demais”,
“eu acho que a ficha ainda não caiu pra mim direito, não”

E resume: “não caiu a ficha, só vai cair quando nascer... eu não consigo me enxergar hoje como pai ainda.”. Ele utiliza a palavra “ainda” e isso demonstra que o sentido da paternidade é algo construído, um processo, um caminhar, algo que vai sendo desenvolvido com a evolução da gravidez, com o nascimento do bebê e mesmo depois com o crescimento do filho.

Em sua trajetória particular, Alexandre dá notícias de um fantasma de desintegração quando fala sobre a ideia de ter um bebê: “não consegui juntar o que está acontecendo”. A fragmentação ou desorganização remete ao medo de entrar em uma nova situação sem perder algo, sem se perder. A gravidez soa como ameaça de perder uma junção, algo que estava organizado, que parece agora desarrumado.

Este é o grande mote de Alexandre: o medo de se perder com a chegada de um filho. Seu temor é de ser engolfado por esse “mundo feminino”, então, ele vive na ambivalência de se deixar envolver ou não. E na ambivalência vive nos opostos. Quando ele se aproxima, chega mesmo a se fundir com a mulher e pode temer perder sua identidade e quando se distancia, parece alguém totalmente fora da cena. Talvez se fosse menino, como ele diz: “seria um pouquinho melhor”. É curioso notarmos que a ambivalência aparece apenas durante o período da gestação.

Quando o bebê nasce, a ambivalência não fica mais nítida nas suas falas, talvez porque, em sua fantasia, ele não corra mais o risco de ser engolfado pelo fantasma do feminino originário, do não fálico, porque está a salvo, na sua virilidade, que passa a estar garantida na correspondência do filho como falo, também possível para o homem, como já vimos nos capítulos anteriores. Diz ele: “acho que não dá para viver sem ter um filho, passar pela vida sem ter um filho”. Em seguida, fala no vazio de quem não tem, ou lendo pelo reverso, do preenchimento que é ter um herdeiro. Ou seja, ele constrói um sentido para a paternidade, frente à castração, numa vertente do filho como objeto fálico. Para ele, ter filho significa diminuir o vazio, em outras palavras, tornar-se mais potente.

Com o nascimento da filha, fica nítida a concepção de Lebovici de que o “bebê faz seus pais”. A presença viva da bebê apresentou reflexos na construção do sentido de paternidade para Alexandre. Ela aparece como agente do processo de parentalizar seus pais e, ao mesmo tempo, constitui-se subjetivamente como sujeito separado deles. Com a filha fora da barriga da mãe, Alexandre pareceu se envolver de forma mais entregue ao bebê.

Outra observação importante é que a “ficha não caiu” logo no nascimento, e que a vinda da filha ao mundo não fez com que Alexandre se tornasse pai, num único instante, mágico, súbito. Sabemos que o fator biológico não é o único responsável por fazer com que um homem torne-se pai do ponto de vista psíquico. Sobre o momento do parto, ele falou: “acho que foi bem mais rápido do que a gente pensava... acho que foi muito legal. E foi tudo dentro do esperado.” A frase mostra um paradoxo entre ter sido como o esperado e, ao mesmo tempo, mais rápido do que imaginado. Ele estava tocado com o que viveu na hora do nascimento da filha: “bastante emocionante, é difícil assim dizer o que sentiu, mas muita emoção, muita emoção mesmo. Não tem outra palavra assim.” A forma como ele descreve sua participação no parto nos revela a fantasia de sua posição, a de coadjuvante da cena: “fiquei atrás, não fiquei na frente, fiquei atrás daquela cortina.” Alexandre disse ainda que ficou meio “anestesiado” e um pouco “atordoado”. É interessante notar a escolha da palavra “anestesiado” para descrever como se sentiu no parto, pois era assim que sua mulher estava de fato, fisicamente. Ou seja, podemos interpretar nessa fala novamente uma identificação dele com a esposa, desta vez, no parto. Fazendo um retrospecto até o nascimento

do bebê, Alexandre já tinha se sentido “liberado pelo médico para fazer exercício”, sentiu-se “embaraçado” e agora “anestesiado”, tudo tal qual sua esposa.

Quando Alexandre diz que, depois que a filha nasceu “mudou completamente, não dá para prever isso, só numa segunda pra prever, pensar em outras coisas, muito muito diferente, muda tudo mesmo,” ele coloca em pauta duas questões. A primeira, a do ineditismo da experiência da paternidade, da não previsibilidade. O nascimento de um filho pode parecer algo, de um lado, familiar, se considerarmos a concepção histórica e cultural tão presente em nosso imaginário popular, além de algo herdado da filogenética, porém, é sempre, ao mesmo tempo, algo estranho, não familiar, imprevisível, que só quem passou por aquela experiência de tornar-se pai pode saber como é. A segunda questão diz respeito à transformação radical que a entrada de um terceiro provoca na vida de um casal, em todos os sentidos. Na triangulação que se inaugura, na rotina em casa, nos planos de vida. Poderíamos radicalizar dizendo que há uma linha imaginária que divide a vida das pessoas em um momento antes e outro depois de um filho, tal é o grau de mudança que se instala na vida daqueles que se tornam pais.

Agora, pós-nascimento, Alexandre nomeia a filha, coloca-lhe características, investe-a narcisicamente. Podemos destacar como exemplo dessa experiência a seguinte descrição que ele dá de sua bebê:

“ela é muito parecida comigo. Tem uma foto minha aí de um mês que é igualzinha a ela. A boca é muito parecida com a da Julia, mas daqui pra cima assim ela é muito parecida comigo”.

Ele diz que ela é “muito meiga, muito carinhosa, meio agitada”, e ainda faz projeções “acho que ela vai ser muito bagunceira, ela vai ser da pá virada” Falas ilustrativas do narcisismo paterno, são os desejos dele atuando sobre a pequena filha. Descreve ainda seu jeito de estar no mundo: “se mexe muito dormindo, se mexe muito, tá sempre fazendo bagunça.”. Diz também o que ela não é: “não é quietinha, não”. Alexandre começou a viver intensamente a paternidade, em suas palavras: “eu tô babando...”.

Sobre a maior aproximação pai/bebê, ele afirma que: “a ficha está caindo mesmo, acho que tá ficando mais próximo, a gente tá conseguindo ficar mais

próximo... eu já, fico com ela sozinho tranquilamente.” Ele descreve a rotina da filha detalhadamente informando os horários em que ela se alimenta, que papinha já está comendo, tece comentários sobre o melhor bico de mamadeira, fala sobre o banho, explica como é o sono da neném. Ele conta ainda sobre o dentinho que está nascendo, diz que ela está começando a mastigar, que teve febre e que é um “reloginho” para se alimentar. Alexandre é um típico pai da atualidade, aquele que participa ativamente dos cuidados com o bebê desde a mais tenra idade. Esse contato pai/bebê colabora no processo singular de tornar-se pai.

O tema da dependência nesse momento é muito presente. Alexandre está bastante impactado com a constatação da dependência da filha em relação aos pais. Ele diz:

“a gente percebeu que ela era totalmente dependente e agora percebe que é totalmente dependente, e, além disso, depende de você para crescer, pra sobreviver, para tomar o rumo da vida dela.”

Analisa também a dependência na amamentação. É curioso que, por duas vezes, ele interrompe a frase evitando usar a palavra seio: “tá menos dependente do, ela já tá comendo papinha... antes tinha a dependência total do, da amamentação.” Falar da dependência da filha remete aos fantasmas do próprio desamparo.

Com a entrada de um terceiro, dependente do casal o tempo inteiro, a rotina dos dois, que incluía não ter horários certos e nem planejamento de atividades, muda. Alexandre comenta a transformação:

“mudou completamente, antigamente a gente acordava na hora em que a gente queria, fazia as coisas na hora que a gente queria; agora é tudo em função dela: ela acordou, a gente acorda, ela dormiu, a gente almoça, é tudo ligado, tudo dependente”.

Ele descreve um luto de outra forma de vida, mais livre, mais solta, anterior à entrada de um filho que, por ser dependente, como ele mesmo aponta, modifica o casal que antes fazia suas escolhas baseadas apenas nos desejos particulares. Nesse ponto, Alexandre aponta para uma parcela do tornar-se pai que, para ele, significa abdicar de um modo de vida por outro. Além disso, a afirmação de que tudo é em função da filha pode ser interpretada como um fantasma do bebê como rival que o fez perder o trono junto à mulher, como aconteceu no passado em relação à mãe, seja de fato ou apenas na fantasia.

Alexandre aponta diferenças entre o tornar-se pai e o tornar-se mãe quando fala sobre a preparação antes do nascimento. Para ele, o pai não tem como se preparar. Ele pode até perguntar, tentar, mas não consegue. Já a mãe, segundo ele, é diferente e dá como exemplo o xixi constante na gravidez que prepararia a mulher para não dormir quando o bebê é pequeno. Ele afirma que o pai nunca vai acostumar-se com essa falta de sono porque não teve esse preparo e lamenta: “nunca mais vai ter aquele sono que tinha”, mais uma vez ressentindo-se da perda do que ele possuía antes da chegada do bebê.

Ele descreve o pai no início como “assistente” e a mãe como “principal”. Justifica a posição de dependência do bebê com a mãe a partir da amamentação e diz: “por mais que você dê carinho e tudo o mais, a criança sempre fica mais tranquila com a mãe do que com o pai.” Fala de uma ligação mais forte da bebê com a mãe por causa do envolvimento sensorial, diz ele: “tá (a bebê) mais acostumada, sente o cheiro, com certeza, tem uma ligação muito mais recente, muito mais forte do que comigo.” Aqui ele aponta uma diferença no tornar-se pai e mãe pelo fato de a última ter estado fisicamente mais próxima do filho durante nove meses. O interessante é que ele traz a ideia de que essa é uma composição para o período inicial e diz que essa ligação maior com a mãe pode mudar e que a bebê pode ligar-se mais a ele depois: “com o tempo, vai meio que passando para cá, ou não.” Ele destaca nesse caso uma diferença entre filha e filho: “dizem que a menina vai, né, menino não”.

Quando a filha completa um ano de vida, Alexandre diz que “pode-se dizer que agora, mais ou menos, a ficha caiu”. A inclusão do “mais ou menos” mostra como o processo da “ficha cair”, que podemos ler como “tornar-se pai” é constante e sem fim. Ele acrescenta: “hoje eu me sinto pai completamente eu acho, e ela sente que eu sou pai dela e eu sinto que ela é minha filha, não tem mais dúvida, né? Acho que não”. A frase de encerramento da última entrevista é conclusiva: “a ficha cai aos poucos”. Alexandre, assim como todos os demais homens, estará para sempre reformulando o sentido singular de tornar-se pai.

4.1.2

Daniel: temor de uma nova perda

A trajetória de Daniel tem início com uma indagação sobre sua fertilidade, mesmo diante do resultado positivo da gravidez da mulher. Ele afirma que saber que vai ser pai foi bom porque confirmou sua fertilidade, ou seja, sua capacidade fática de engravidar uma mulher. Neste caso, parece que o fantasma da infertilidade o rondou em algum momento e a gravidez da mulher fez retornar a questão.

“Até pra mim como pai também é bom, né (o resultado positivo)? Porque a gente sempre fica naquela: será que sou fértil, será que vou conseguir engravidar, não sei o quê. Passam essas fantasias na minha cabeça, sabe? Eu nunca tive um filho, será que funciona mesmo o negócio ou será que não funciona?”

Na construção fantasística de Daniel, o filho parece ter vindo de um momento inesperado, mas, ao mesmo tempo, rápido. Além disso, este bebê vem de duas famílias cujos pais têm o mesmo nome e o casal resolve escolher exatamente este nome para o filho que vai nascer. Ou seja, terá o mesmo nome de ambos os avôs que ganharão o primeiro neto:

“meu pai é José, o pai dela é José e o nosso melhor amigo é José, que é o padrinho dele, aí a gente falou vamos fazer... só que o meu pai é José Carlos e o pai dela José Mateus e o nosso vai ser só José. Não tem dois nomes. A gente faz uma homenagem a todo mundo.”

Daniel afirma que a vida da esposa mudou bastante com a gravidez enquanto a dele não mudou nada. Porém, ao afirmar que sua vida não mudou, ele o faz de forma tão veemente que nos leva a ter uma leitura de denegação para esse ponto.

“Ela sofre com variação de humor, e eu não tenho nada, a vida dela tá mudando, sente mais sono, fica enjoada, come mais, tá engordando e a minha vida não mudou absolutamente nada, eu tento tomar mais conta dela, ajudar ela, levar as coisas, ser mais gentil, não sinto incômodo nenhum.”

A ambivalência está presente na relação que Daniel tem com o bebê que está na barriga de sua esposa. Ora de um jeito dessubjetivante, quando diz que se perder esse faz outro, numa concepção mais quantitativa do que singular, ora com

medo de perder o bebê que ele já considera seu filho. Há ainda um fantasma de que o bebê nasça com algum tipo de deficiência.

“Se perder, foda-se, a gente faz outro, graças a Deus foi tão fácil a gente engravidar, a gente conseguiu de primeira... a gente perdeu, a gente faz outro.”

“Agora eu não quero mais perder, agora já é o meu filho, já tem nome, agora não dá, mas, no começo, como foi assim tão fácil engravidar, ocorreu tão natural e é tão comum perder neném, muita gente perde, primeiro filho.”

“Uma das coisas que tive medo foi nesse ultrassom que a gente fez de três meses, tenso se o filho vai tá bem ou não vai, aí foi um negócio que me preocupou... será que vai ter alguma má formação? Será que vai ter algum problema mental?”

Ainda sobre o bebê, Daniel se refere a ele como “um negócio na barriga dela, crescendo”. A expressão utilizada por ele soa como algo que não se refere a ele e sim apenas a mulher ou até mesmo a nenhum dos dois. O bebê surge como um estranho, um elemento sobrenatural que cresce ali sabe-se lá por que razão. Daniel parece se defender da entrada num novo mundo que é enigmático, uma vez que apresenta um ser humano em desenvolvimento, feito por outros dois seres humanos, dentro de apenas um deles, e que, quando nascer, será um sujeito separado dos dois, porém, fruto da combinação de ambos. Dito assim, parece mesmo coisa de outro mundo, de um universo colado ao feminino originário, obscuro por excelência, terra da qual homens e mulheres vivem se defendendo.

Na comparação da paternidade com a maternidade, Daniel fala que a primeira vem aos poucos, de forma gradual, enquanto com a mãe é diferente. Ele atribui essa diferença à natureza, a algo instintivo:

“são duas coisas que eu acho engraçado assim, é até estranho falar isso, mas quando nasce, eu não tava apaixonado pelo José, sabe? No primeiro dia, sabe? Ah, meu filho nasceu, eu amo ele. É muito emocionante, eu chorei muito na hora, sabe? Mas, depois, sei lá, é meio que um estranho que chegou, entendeu? É bonitinho assim, tem um negócio, mas com a mãe é diferente, não sei, acho que com a mãe tem um instinto materno, tem algo da natureza, assim, mas pai não é bem assim, pai é um negócio que vem com o tempo. O José no começo era muito abstrato, era como se fosse um boneco. Nem me reconhecia...com seis, sete meses, já vira uma pessoinha mesmo...é um negócio que vem crescendo, assim, com o tempo; não é um negócio instantâneo, é diferente da mãe.”

Ainda antes da vinda do bebê, fantasmas relacionados à invasão transparecem nas falas de Daniel sobre as possíveis visitas ao bebê na maternidade, a estadia do sogro em sua casa e a falta de privacidade. Ele chama o

bebê de “porra” deixando escapar uma agressividade em relação ao filho que aparecerá de forma mais explícita após o nascimento.

“Visita é igual peixe, né, passar de três dias começa a feder. A sua privacidade é difícil... é, vai ser tudo diferente mesmo, então, entra no pacote.”

“Já tô fudido mesmo, né? Já tá na merda mesmo, né? Já tá dormindo mal, já mudou tudo, já tá com novidade, já tem a babá para tirar a privacidade.”

“Quem deixou a gente nervoso foi o médico. Eu falei pra ele: se essa porra não nascer, você tá ferrado, meu sogro vai chegar semana que vem e vai ficar na minha casa quinze dias até ele nascer pra depois ficar mais quinze dias. Eu vou mandar meu sogro pra tua casa, eu falei pro médico.”

Sobre o momento do parto, há a sensação de isolamento que demonstra a fantasia de Daniel de solidão, de ser deixado de lado, de ser preterido pelo bebê que vai nascer.

“O médico acha que oito horas é um bom prazo (de duração para o parto) aí eu falei, pô, eu vou ficar as oito horas no hospital sozinho, mas ele falou: ‘não, eu fico com você as oito horas’”.

Após o nascimento do filho, o principal conflito enfrentado por Daniel é o fantasma de ser substituído na economia libidinal de sua esposa, de ser deixado de lado, um sentimento de ciúme. Ele tenta, de fato, separar o bebê da mãe, primeiro, convencendo-a a deixá-lo no berçário da maternidade contra a vontade dela, depois insistindo para separá-lo do seio da mãe e oferecer o leite em pó. As falas de Daniel dão a impressão de que ele preferiria o bebê longe, como um irmãozinho ameaçado com a chegada de um menor.

“Outra coisa boa que a gente fez, que a Clara não queria, mas eu consegui convencer ela, que o pediatra sugeriu, era deixar o José dormir no berçário pelas primeiras duas noites. Pra gente poder dormir...a primeira noite ela deixou, a segunda ela não queria mais deixar. A gente ficou três noites no hospital. Mas eu consegui convencer ela, aí nas três a gente ficou lá, a gente conseguiu dormir e foi ótimo.”

“Eu acho que com a mulher é diferente, eu também queria ficar junto, mas eu não sentia esse apego todo que ela tinha, entendeu? Eu tava muito mais preocupado com ela, tem uma coisa que é muito mais racional pra mim do que pra ela. Pra ela, tem um lado muito mais emocional. Pra mim é: José vai tá bem lá, você vai tá melhor, se ele for. Por que não vai? Aí ela, não, quer ficar perto, quer olhar, quer ver que tá tudo bem o tempo inteiro, foi difícil convencer, mas eu consegui.”

“o José fica se debatendo no peito, não dormia, aí eu falava: Clara, que isso? Dá um pouco de NAN (leite em pó).”

No início, Daniel se enxerga como um excluído, como um nada, ele diz: “primeiro mês, mês e meio, pai e nada é a mesma coisa”. Ele expressa ainda a sensação de ter sido deixado de lado. Além disso, relembra o quanto foi doloroso para ele ter sido deixado na creche quando pequeno. Parece que há um enorme ressentimento em relação aos pais, em especial à mãe, quanto a isso. Ou seja, sua construção da paternidade passa por essa questão específica do passado que agora ganha novos contornos no momento em que tem um filho.

“Eu acho que o José preenche ela de uma maneira assim, inexplicável, eu, eu fico meio de lado, aí isso gerou alguns atritos entre a gente... eu me sentia meio trocado. Parece coisa de criança, né? Mas é assim que os pais se sentem, eu acho, né? Eu particularmente me senti assim. Não sei se é coisa de criança, a sua importância dá uma diminuída mesmo, né? Aí a gente foi conversando e a gente foi melhorando aos poucos. Acho que ele também foi crescendo e foi se tornando mais independente.”

“Aí eu fiquei lembrando como era comigo, quando é que minha mãe me deixou...” (ele não completou a frase, mas falava sobre a creche).

“Vamos fazer o mais natural possível, o menos impactante possível a separação, porque eu acho que é impactante demais... Na creche, será que tem carinho, por que não é filho dela, carinho e cuidado, eu sei que tem, mas amor não tem, né? E eu não sei se o neném não percebe essas coisas...amor de mãe e de pai é amor de mãe e de pai.”

“Largar o neném com quatro meses (na creche) é um rompimento enorme.”

A chegada do filho foi de início encarada por Daniel como um estranho que invadiu sua casa, seu espaço, seu mundo, tomou seu objeto amoroso, seu sono, desestabilizando-o. Ele comenta que o bebê quer tudo para si, quer sempre colo e que desejaria o mesmo, e chega mesmo a dizer que teve vontade de bater no bebê e o jogá-lo no berço. Uma agressividade que soa como manifestação de ciúme daquele rival. São várias as falas que dão a dimensão da complexidade da experiência de tornar-se pai vivida por Daniel.

“ O José quer tudo pra ele, né? Narcisismo total e completo.”

“Deve ser muito gostoso ficar no colo mesmo! Entendeu? Quentinho, o coração batendo ali perto dele, cheirinho da mamãe, cheirinho do papai, mas não dá! Não vai ter colo para sempre, né?”

“Você acorda às duas da manhã, aí vai lá, aí bota pra dormir, bota no berço e ele acorda, porra, caralho, dorme! Aí, porra, dá vontade de jogar ele no berço, de bater, de não sei o que, e você não vai fazer nada disso.”

“E hoje eu não sinto mais raiva dele, entendeu? Porque, pô, incomodava muito ter raiva do seu filho, sabe? Não era por mal que ele tava fazendo aquilo, ele queria colo. Eu também quero, se eu pudesse escolher, eu também ia querer, ficar com raiva dele por nada é muito ruim, sabe? E dá muita raiva, muita! Tem gente que não admite, sabe? Mas dá muita. Dá vontade de bater, e não adianta bater porque ele não vai melhorar, então, a melhor coisa é deixar ele no berço e sair, e aí ele vai se acostumando, então meu maior conselho hoje é: você tem que dar um jeito dele dormir. E aí sua vida volta ao normal, entre aspas né, com filho, mas com vontade de sair, de brincar, de trabalhar, se não é um inferno, você vira um zumbi, é muito ruim.”

Para Daniel, ficar com o filho é perder tempo. O significante “perda” é muito forte no processo singular de Daniel na construção da paternidade. Além disso, para que possa fazer o que gosta, diz que larga o filho numa cadeirinha, o que demonstra, mais uma vez, uma reação agressiva como o bebê.

“E não tem muito mistério, não é muito difícil, se você tiver disposto a perder seu tempo com seu filho.”

“Agora tem uma cadeirinha que treme, aí já largo ele ali uma hora e ele fica curtindo. Aí já dá pra ver televisão, ler o jornal, não precisa ficar com ele no colo, balançando, andando.”

Em relação à esposa, Daniel faz menção ao medo de como ficará o órgão sexual dela depois do nascimento do bebê. Ao mesmo tempo que demonstra que precisa ter paciência para poder suportar esse estranho que chegou em sua vida, mudou tudo, tirou seu sossego, “roubou” sua mulher, seu tempo, além de alguns de seus prazeres. De forma ambivalente, parece subitamente o homem mais feliz do mundo. Por isso, ao mesmo tempo que aconselha aos pais terem paciência e diz que a mulher não quer estar com ele porque está obcecada pela maternidade, afirma que entende sua mulher. Ele expressa a ambivalência quando afirma, tomando emprestado uma expressão do mercado financeiro, que “é volátil”, “é um negócio oito ou oitenta”. As falas abaixo ilustram a situação de Daniel:

“tem medo lá debaixo, como é que vai ficar depois, besteira, né? Foi feito para isso, não é possível, é assim há milhões de anos!”

“A vida do casal muda muito, é impressionante! A Clara está sempre cansada, sempre estressada... vira meio que uma obsessão da mãe, o pai não é assim... aí

chega em casa, pô, quer namorar, tá cansada sabe? É difícil, é um negócio que você tem que ter paciência.”

“O conselho que eu dou, assim, a minha irmã tá grávida, eu falo pro marido dela, paciência, cara! É o melhor conselho! Com neném, você tem que ter paciência.”

“A presença dele faz o pai entender essa situação, ver que ela tá se sacrificando pelo seu filho, então, você aceita o que ela quer, ele é um bom motivo, dá uma baixada na bola.”

“Então, é assim, é um negócio oito ou oitenta, sabe? Você tá de saco cheio e de repente você é o cara mais feliz do mundo! É um negócio muito volátil, assim, não é? É bem legal.”

Daniel foi um dos poucos entrevistados que falou sobre seu pai, mas de forma comedida. Ele define o processo de tornar-se pai como uma reflexão acerca do passado e do futuro:

“Na minha análise, eu discuto com o cara que tipo de pai eu vou ser, começo um pouco a relembrar minha infância... experiências com meu pai, como é que ele era comigo, meu pai era muito durão, como é que era, como é que eu vou ser, como é a educação que você vai dar pro seu filho, que tipo de pai... acho que isso que é virar pai né? Vai pensando como é que vai ser a vida daqui pra frente”.

4.1.3

Bruno: o controle do descontrole

Bruno, assim como os dois primeiros pais, também responde, a seu modo, de onde vem seu bebê. Para ele, veio de um desejo mais de sua mulher do que seu, que preferia ter filhos um pouco mais velho, porém, diz que o bebê veio na hora certa em sua vida, pelo menos, no que diz respeito à carreira, pois já tinha uma posição estável no trabalho. O bebê veio também banhado de algumas tradições familiares no que se refere ao nome a ser escolhido, que será o mesmo dele, “pois existe uma tradição familiar de passar o nome de pai para filho, desde o bisavô.” Além disso, em sua família, “o filho homem só recebe o sobrenome do pai, o sobrenome da mãe não entra na filiação.” Mas ele declara que não faz questão de seguir esta tradição. O filho virá ainda de um lugar privilegiado por inaugurar várias posições na família. Será: “o primeiro neto, o primeiro bisneto, o primeiro sobrinho, o primeiro tudo.”

Bruno, tal qual Daniel, foi um dos poucos homens entrevistados que fez referência a seu pai, mesmo que tenha sido apenas uma vez, numa frase curta e sem falar na primeira pessoa: “se for menino, seria difícil pensar que poderia reviver com seu filho o que seu pai viveu com ele.”

Quando Bruno fala sobre a gravidez da mulher, comenta apenas sobre a barriga, não fazendo menção ainda ao bebê. Diz: “já tem uma barriga gigante que se mexe, que se move, já tem uma rotina de gravidez muito imediata” e sobre a rotina da mulher comenta que “a sua vida já realmente gira basicamente em torno da gravidez.” Ele se mostra muito assustado e impressionado com a mudança na vida dos dois:

“a gravidez propriamente dita mudou radicalmente, mudou tudo. É uma coisa assustadora, eu diria assim, bastante impressionante. Você não consegue fazer mais nada que não seja a gravidez, a gravidez agora é muito, muito, muito presente, impressionante.”

Bruno também aponta diferenças quanto ao tornar-se pai e mãe. Para ele, a mulher sente antes a maternidade por causa das características físicas envolvidas no processo, o que não ocorre com o homem. Ele assume que, nesse momento, ainda não se sente pai e compara:

“ela já é mãe, né, ela já sente, já se cansa, já come mais, ela já tem um incômodo maior para dormir, ela já vive a maternidade, eu ainda vivo um acompanhamento da maternidade dela, como pai não tem o que dizer, porque eu não me sinto ainda pai.”

O momento que precede o parto é vivido por Bruno de duas maneiras: “dois sentimentos que eu posso definir muito bem agora: ansiedade e curiosidade. Isso mudou muito a minha vida, impressionante, mudou bastante.”

Um dos fantasmas que aparece mais explicitamente no processo de tornar-se pai no caso de Bruno é o do descontrole e da invasão. Os exemplos de falas nesse sentido são inúmeros como podemos perceber a seguir:

“Tudo tem que estar sob controle para poder dar certo.”

“Temos que controlar os egos dos futuros avós, se der abertura, acabam sendo invasivos.”

“Eu de alguma maneira planejei isso, eu vou me reconfortando todo tempo de que as coisas estão dando certo porque elas foram feitas com calma, planejadamente.”

“A gente se programou para que fosse assim. Obviamente que eu estou falando das coisas que a gente pode programar e administrar.”

“Sempre tive muito medo de que as coisas pudessem não dar certo, estar fora do seu controle.”

“Mas agora quando você tá pra se tornar pai, você vê que você não tem tanto controle da situação assim, você tem na realidade uma expectativa muito grande para que as coisas aconteçam da forma como eu planejo, isso vai te levando cada vez mais pro meio da ansiedade, eu tô vivendo uma ansiedade completa e expectativa.”

“As coisas aconteceram exatamente como nós prevíamos... as coisas estão realmente dentro do que a gente planejou que seria, dentro do que a gente programou pra ser, não tem nenhuma surpresa.”

“Ela mama nos horários predeterminados ao longo do dia, sem nenhum atraso de minutos, sempre certinho, ela chora quando quer dormir nos horários predeterminados da rotinha dela, que são todos iguais.”

“A Vitória foi inserida na nossa vida, na nossa organização, nessa preparação para ter a Vitória. A nossa vida está absolutamente administrada, tudo dentro dos conformes.”

Outro conflito que parece ser vivido por Bruno é o de ser trocado por outro na economia libidinal de sua mulher. Ele parece encarar o bebê que vai nascer como um rival. Podemos notar essa questão quando, identificado com o cachorro da casa, parece falar de si mesmo. Diz que está extremamente preocupado com o cão porque, com a chegada do bebê, ele será deixado de lado, vai se sentir abandonado e vai ficar com ciúmes. Em seguida, diz que é tudo complicado, tudo muito complicado, e completa:

“ele é o xodó da casa, completo, total e restrito. A gente não quer que ele fique histérico, fique agressivo, fique nervoso, fique deprimido, a gente não quer entrar de maneira alguma nesse processo de aversão ao cachorro.”

Seus comentários sobre o cachorro soam como a manifestação dos próprios medos: de ser abandonado, de ficar histérico, de se deprimir com a chegada da filha. O que ele idealiza é que ninguém saia perdendo, que haja uma completude, que sabemos ser da ordem do impossível. Vejamos esse ponto em sua fala: “a família vai ser todo um conjunto de bebê, de nós dois e do cachorro.”

Com o nascimento da criança, Bruno parece negar que tenha havido uma mudança em relação ao cachorro que, como apontamos, serve como deslocamento da própria figura. Podemos perceber essa negação através do uso não adequado da

palavra “porém” na frase abaixo que, como num ato falho, deixa escapar questões inconscientes. Vejamos a construção da sentença construída pelo entrevistado:

“não mudamos nosso tratamento com o cachorro, por isso, não tem nenhum problema o cachorro com a criança e a criança com o cachorro, tá sendo supertranquilo, maravilhoso, porém, muito tranquilo”.

O fantasma de ser trocado por outro aparece de forma ainda mais intensa quando sua mãe fala que a neta vai ter tudo. Ou seja, parece ter ciúme da própria mãe falando de um bebê, mesmo que se trate de seu filho. A maneira na qual se expressa é infantilizada (uma sucessão de “quero”, “quero”, “quero”). Seu comentário soa como as falas de uma criança com ciúmes de um irmãozinho que vai nascer:

“eu não gosto quando começam a falar que ela vai ser uma princesinha, eu não gosto desse tipo de tratamento, quando a minha mãe fala ‘ela vai ter tudo’.”

“Eu não quero que ela tenha dez bonecas, eu não quero que ela tenha dez vestidos de princesa, eu não quero que ela seja chamada de princesa, entendeu? Porque ela não vai ser uma princesa, ela vai ser uma menina, como outra qualquer.”

Podemos perceber o narcisismo paterno no amor pela filha. Faz questão de pontuar que os gestos do bebê são endereçados a ele. Sua filha entrou em sua cadeia de objetos a ser investido libidinalmente, através de um amor incondicional que o falciza porque o faz ser compreendido e reconhecido. Bruno destaca que a filha é uma criação sua, que ela tem seu sangue. Essas palavras ganham o significado de que foi capaz de criar uma vida, tornando-o mais fálico, mais potente.

“Ter a Vitória é a melhor coisa do mundo...é um amor incondicional, é uma demonstração de evolução do ser humano diária, a cada momento você se pega percebendo uma evolução dela, impossível que você não se envolva com esse amor todo...ela já te compreende, já te reconhece, ela já sorri pra você, conhece a sua voz, faz caras e bocas, ela tá fazendo os sons agora, cada hora ela tenta fazer algum tipo de barulho e você vai virando um idiota na mão dela.”

“É muito gostoso concretizar alguma coisa... quando isso envolve uma criação sua, é ainda mais maneiro, quando essa criação se trata de uma criança, de um ser vivo, um filho seu, mais ainda.”

“Quando você tem filhos, você acha que é como se descobrisse a função do amar... fruto do seu próprio sangue, sua própria relação.”

A fantasia infantil de que a mulher fica grávida quando come determinado alimento, tal qual Freud descreve na segunda teoria sexual infantil, ficou evidente quando a mulher de Bruno (entrevistada por outra pesquisadora) relata como o filho deles foi concebido:

“A gente (Bruno e sua mulher) estava na casa de uns amigos nossos para um jantar, para comer frutos do mar e tudo mundo falava né: ‘e aí? Quando é que vocês vão ter filhos?’... Aí tá a gente comendo essa... o amigo falou assim: ‘olha, come bastante dessa lula, porque essa lula, ela tem histórico de ter criança, de nascer criança, não sei o quê, de ajudar, essa lula’. Ele falou assim porque esse casal que estava com a gente tinha engravidado exatamente comendo essa lula, não lógico, né, numa noite que eles tinham comido uma lula dessa mulher, então, a gente falou: ‘deixa eu comer, brinquei’. Aí depois de um mês eu fui descobrir que estava grávida... aí fazendo as contas, eu soube que foi naquele dia que eu fui engravidada.”

Considerações finais

Com a realização deste trabalho tivemos a possibilidade de começar a entender um pouco mais sobre a experiência daquele que vai ser pai. Esse momento tão especial da vida de um homem é pouco explorado, pelo menos, na bibliografia disponível sobre o tema à qual tivemos acesso. Dando maior atenção ao homem que espera um filho, pudemos assistir a uma revolução psíquica pela qual o homem passa na paternidade, assim como vemos, com maior frequência, acontecer com a mulher grávida.

Ao ouvirmos as falas dos pais da pesquisa de campo tivemos a oportunidade de entender um pouco mais sobre a paternidade na cultura e na sociedade que nos cerca. As três trajetórias que apresentamos foram imensamente ricas nesse sentido. Os três sujeitos viveram conflitos relacionados à retomada de um tempo primitivo e de questões edípicas, cada um a seu modo, enfrentando e reelaborando os fantasmas do passado e se posicionando de forma diferente em cada um dos casos. A riqueza da diversidade encontrada — um pai extremamente identificado à mulher grávida; outro temeroso de uma nova perda do objeto amoroso e um terceiro com pânico do descontrole — se prestou à tarefa de reconfirmar que em psicanálise cada caso é um caso.

Apesar de ter como base conceitual a teoria psicanalítica, não foi nosso interesse estudar a paternidade exclusivamente pelo viés da função paterna, centrada na ideia do pai interditor. Ampliamos, desta maneira, nossa visão da relação pai-bebê trazendo para o centro da reflexão um pai presente na cena desde o início e que vive com o filho outras experiências, que vão além da função de barra. Um pai que participa, junto com a mãe, dos cuidados primordiais do bebê, mas que o faz de forma diferente da mulher. Esta experiência produz impactos na vida psíquica da criança, mas também, como não poderia deixar de ser, na do pai.

Uma vez que na atualidade alguns homens participam da vida dos seus descendentes desde o início, não é de causar espanto que, mesmo não havendo nos dicionários formais da língua portuguesa palavras que denominem o futuro pai, encontramos na internet, campo ilustrativo de como a linguagem é viva e mutante,

vários diários de “grávidos” e definições em geral nada tradicionais do vocábulo “gravidez”. Chama a atenção como em muitos blogues a palavra “gravidez” é utilizada também como o estado emocional do pai durante o período de gestação da parceira.

Cabe ressaltar o quão inesperado foi, ao longo de nossa pesquisa, encontrar subsídios teóricos para pensar o pai referido ao registro quantitativo uma vez que essa vertente é quase sempre vinculada ao campo materno. Para tal, releamos o conceito freudiano de identificação primária à luz das formulações de Donnet (1995) e Botella (2001) sobre o pai processual. Foi surpreendente, da mesma forma, chegarmos a conclusão de que a vinda de um filho pode ser tanto uma ameaça àquele que se tornou pai quanto uma possibilidade de elaboração de seus fantasmas edípicos, uma vez que tendemos a reconhecer na entrada de um terceiro apenas sua vertente intrusiva e ameaçadora. Assim também apontamos que a transformação da mulher em mãe pode reverberar de maneiras diversas para os homens que se tornam pais, não apenas no sentido deserotizante tão comentado na psicanálise.

Igualmente digno de nota foi encontrarmos, nas falas dos pais entrevistados, fantasias diretamente relacionadas às teorias sexuais infantis formuladas por Freud, muitas vezes, de forma até mesmo explícita. O que sinaliza, ainda em nossos dias, o frescor das formulações freudianas acusadas, algumas vezes, de obsoletas. Este fato reforça nossa hipótese de que essas teorias retornam inconscientemente quando o homem torna-se pai, pois a chegada de um filho traz de volta os enigmas acerca da origem da vida.

Consideramos também enigmático o poema sobre a paternidade escrito por Freud em homenagem ao amigo Fliess por ocasião do nascimento de um de seus filhos. Provavelmente trata-se do único poema conhecido de sua autoria, que nos deparamos com surpresa ao pesquisar sobre o pai na teoria psicanalítica: “Hino à Glória do Pai”

Salve

O bravo filho que, ao comando do pai, surgiu no momento exato,
para ser seu assistente e companheiro de trabalho na perscrutação da ordem
divina.

Mas salve também o pai, que, pouco antes do acontecimento,
descobriu em seus cálculos a chave para restringir o poder do sexo feminino.
E para arcar com seu fardo da sucessão legítima;

não mais confiando em aparências sensoriais, como faz a mãe,
ele invoca os poderes mais altos para reivindicar seu direito, sua conclusão, sua
crença e sua dúvida;

E assim, no começo, eis que ali se ergue, vigoroso e são,
à altura das exigências do erro, o pai, em seu desenvolvimento infinitamente
maduro.

Que o cálculo esteja correto e, como legado do trabalho, seja transferido do pai
para o filho e, mais além da separação dos séculos,
conjugue na mente o que as vicissitudes da vida rompem e separam.

(Freud, 1899, p. 394)

O psicanalista, em sua pequena expressão artística sobre a paternidade,
trata o filho como aquele que estará sob o comando do pai, que surge no momento
exato para ser seu assistente e companheiro de trabalho. Indicando, desta forma, a
questão da herança simbólica que implica o recebimento de um legado paterno,
seja ele qual for, através da transmissão psíquica inconsciente.

Julgo necessário reafirmar a importância da realização de pesquisas sobre
o tema da paternidade. Investigar os conflitos psíquicos pelos quais o homem
passa nesse momento especial de vida nos auxilia numa escuta mais atenta dos
homens que estão construindo subjetivamente o que é tornar-se pai. Além disso,
ampliar, aprofundar e atualizar os conhecimentos sobre o processo de tornar-se
pai nos torna mais capazes de discutir e propor estratégias de intervenção, quando
necessárias, para aqueles que estão passando pelo processo de construção da
paternidade de forma conflituosa, com consequências que causem sofrimento
psíquico ao sujeito. Assim, esperamos ter contribuído positivamente para uma
reflexão sobre o complexo processo de tornar-se pai na atualidade.

Referências bibliográficas

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BALANCHO, L. Ser pai: transformações intergeracionais na paternidade. **Análise psicológica**, n. 2, p. 377-386, 2004.

BELTRAME, G.; BOTTOLI, C. Retratos do envolvimento paterno na atualidade. **Barbarói**, n. 32, p. 205-226, 2010.

BIRMAN, J. Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. **Natureza humana**, n. 1, v. 8, p. 163-180, 2006.

_____. **Psicanálise e sexualidade**: palestra magna da V semana de psicologia da UFRJ, 2008. Disponível no site <http://www.psicologia.ufrj.br/boletimip>. Acessado em 14 de novembro de 2012.

BORGES, A.; MOREIRA, J. A castração e seus destinos na construção da paternidade. **Psicologia Clínica**, n. 2, v. 22, p. 71-81, 2010.

BOTELLA, C.; BOTELLA, S. (2001), *Figurabilité et régrédience*, rfp, t. LXV, n. 4.

BYDŁOWSKI, M.; GOLSE, B. Da transparência psíquica à preocupação materna primária: uma via da objetualização. In: **Novos olhares sobre a gestação e a criança até os 3 anos**. Brasília: LGE, 2002.

CECCARELLI, P.R. Novas configurações familiares: mitos e verdades. **Jornal de Psicanálise**, n. 40, v. 72, p. 89-102, 2007.

CRAMER, B. **Profession bébé**. Paris: Hachette, 1999.

DELOURMEL, C. De la fonction du père au prince paternel. **Collectif – Bulletin SPP**, n. 106, p. 35-130, 2013.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEVREUX, A. M. A paternidade na França: entre igualização dos direitos parentais e lutas ligadas às relações sociais de sexo. **Sociedade e Estado**, n. 3, v. 21, p. 607-624, 2006.

DONNET, J.-L., **Surmoi**, I. Paris: Puf, « Monographies de la rfp », 1995.

FINK, B. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

FREUD, S. (1895) **Projeto para uma psicologia científica.** ESB, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1897) **Extratos dos documentos dirigidos à Fliess.** ESB, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1899) Carta de 29 de dezembro de 1899 In: MASSON, J. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess.** Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** ESB, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1908) **Sobre as teorias sexuais das crianças.** ESB, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1909) **Cinco lições de psicanálise.** ESB, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913) **Totem e tabu.** ESB, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução.** ESB, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1915) **Os instintos e suas vicissitudes.** ESB, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1921) **Psicologia de grupo e a análise do ego.** ESB, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1923) **O ego e o id.** ESB, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1924) **A dissolução do complexo de Édipo.** ESB, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1925) **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.** ESB, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1926) **Inibições, sintomas e ansiedade.** ESB, vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1937) **Análise terminável e interminável.** ESB, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1939) **Moisés e o monoteísmo.** ESB, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2006.
- GOLSE, B.; ROUSSILLON, R. **La Naissance de L'objet**. Paris: PUF, 2010.
- HURSTEL, F. Autoridade e transmissão da “dívida de vida”: uma função fundamental dos pais. **Epistemo-somática**, n. 2, v. 3, p. 163-73, 2006.
- KAUFMAN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- KEHL, M.R. Lugares do feminino e do masculino na família. In: COMPARATO, M. C (Org.) **A criança na contemporaneidade e a psicanálise**, p. 29-38. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- _____. A impostura do macho. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Ano XIII, n. 28, p. 90-102, 2005.
- _____. Nos braços do papai. **Revista Mente & Cérebro: Especial a mente do bebê — constituição psíquica e universo simbólico**, n. 2, p. 36-43, 2006.
- KLEIN, H. (1991). Couvade syndrome: male counterpart to pregnancy. **International Journal of Psychiatry in Medicine**, 21, p. 57-69.
- LACAN, J. **Os complexos familiares**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LAPLANCHE, J. **Problemáticas II: castração. Simbolizações**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LEBOVICI, S. Diálogo Leticia Solis-Ponton e Serge Lebovici. Em SOLIS-PONTON, L. (org). **Ser pai, ser mãe, parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**, p. 21-27. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- MILLETT, K. **Sexual Politics**. New York: Doubleday Company, 1970.
- PONTON, L. (Org). **Ser pai, ser mãe, parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**, p. 21-27. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- PICCININI, C.A; SILVA, M. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estudos de psicologia**, n. 24, p. 561-573, 2007.
- PLON, M.; ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

TURATO, E. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

WINNICOTT, D. W. **A preocupação materna primária**. Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos**. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

_____. **A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências**. “Os bebês e suas mães”. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZORNIG, S. **A criança e o infantil em psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2008.

Entrevista do príncipe William à CNN. Disponível em: <http://www.cnn.com/2013/08/19/world/prince-william-interview/>. Acessado em 19/08/2013.